OSCAR G. QUEVEDO

O QUE É PARAPSICOLOGIA

EDIÇÕES LOYOLA

OBRAS DO AUTOR NESTA EDITORA

Antes que os demônios voltem, 5ª ed.
Espíritos e os fenômenos parafísicos (Os), 2ª ed.
Face oculta da mente (A), 19ª ed.
Forças físicas da mente (As), 2 vols., 10ª ed.
Identificação dos mortos?, 2ª ed.
Milagres — a ciência confirma a fé, 2ª ed.
Nossa Senhora de Guadalupe, 9ª ed.
Palavra de Iahweh, 2ª ed.
Provas da ciência (As), 2ª ed.
Que é parapsicologia (O), 37ª ed.

OSCAR G.-QUEVEDO, SJ

O QUE É PARAPSICOLOGIA

Edições Loyola

Direção: Fidel García Rodríguez, SJ
Diagramação: Ademir Pereira

Centro Latino-Americano de Parapsicologia (CLAP)
Pesquisa — Ensino — Clínica
Av. Comendador Alberto Bonfiglioli, 390
05593-000 São Paulo, SP
T | F 55 11 3873-8831
www.clap.org.br

Edições Loyola Jesuítas
Rua 1822, 341 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
T 55 11 3385 8500
F 55 11 2063 4275
editorial@loyola.com.br
vendas@loyola.com.br
www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-00404-1
37ª edição: setembro de 2011
© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1971

SUMÁRIO

Capítulo I
NATUREZA DA PARAPSICOLOGIA

1. Fenomenologia 9
2. Investigação 17
3. Importância da Parapsicologia 26

Capítulo II
ESCOLA MATERIALISTA

1. Hiperestesia direta 29
2. Cumberlandismo 33
3. Hiperestesia indireta 34
4. Pantomnésia 36
5. Xenoglossia 37
6. Talento do inconsciente 38
7. Telergia 45
8. Fotogênese 47
9. Tiptologia 50
10. Telecinesia 54
11. Ectoplasmia 57
12. Ecto-colo-plasmia 60
13. Fantasmogênese 63
14. Transfiguração 65
15. Materialização 69

Capítulo III
ESCOLA ESPIRITUALISTA

1. Psi-Gamma 75
2. Precognição 80
3. TIE 83
4. Sugestão telepática 85
5. Psi-Kappa 87

Capítulo IV
ESCOLA ECLÉTICA

1. Psico-higiene 89
2. Prosopopéia 92
3. Mancias 93
4. Subjugação telepsíquica 94
5. Déjà vu 97

Capítulo V
ESCOLA TEÓRICA

1. Fenômenos supranormais 99
2. Sobrevivência 103
3. Espiritismo 104
4. Reencarnação? 108
5. Possessão demoníaca? 112
6. Ciência e religião? 117
7. Perigo 118
8. Utilidade prática? 120
9. Outras escolas 123

CONCLUSÃO 125

PE. OSCAR GONZÁLEZ-QUEVEDO, SJ

Licenciado em Humanidades Clássicas.

Licenciado em Filosofia.

Licenciado em Psicologia.

Doutor em Teologia.

Professor de Parapsicologia em várias faculdades.

Fundador e Diretor do CLAP — Centro Latino-Americano de Parapsicologia — em São Paulo (Pesquisa, Ensino e Clínica).

Distinguido com Diploma e Medalha de Ouro "como gratidão da cidade de São Paulo", outorgado pela Câmara Municipal.

Presidente de Honra e Membro de Honra de numerosas Sociedades e Institutos de Parapsicologia em nações e cidades da América Latina, como México, Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Brasil etc., e da Espanha, de Portugal e dos Estados Unidos.

Diploma de Honra do "IX Congresso Internacional de Parapsicologia" de Milão.

Distinguido especialmente com um voto expresso e unânime de agradecimento e reconhecimento a seu trabalho, pelos participantes no I Congresso Internacional de Psicotrônica (Parapsicologia aplicada) realizado em Praga, Tchecoslováquia.

Autor de inúmeros artigos sobre Parapsicologia em diversas revistas científicas e de divulgação.

Autor de 15 livros sobre Parapsicologia. Obras reeditadas muitíssimas vezes e traduzidas e publicadas em várias línguas.

Os livros do Pe. Quevedo foram considerados pela "Fundação Internacional de Parapsicologia" de Nova York (Dr. Weiant) e pela "Sociedade de Investigação Parapsicológica" de Londres (Dr. Zorab) como os melhores livros de Parapsicologia no mundo, publicados até o momento.

Capítulo I

NATUREZA DA PARAPSICOLOGIA

1. FENOMENOLOGIA

Visitei, uma vez, uma casa "assombrada". Assim é chamada pela gente do povo. Estranhos fenômenos haviam sido comprovados nas casas de uma tranqüila fazenda rural, na região noroeste do Estado de São Paulo. Tudo começou no dia 20 de agosto de 1964. Dona Maria, viúva de 47 anos, saiu assustada de sua casa, onde vivia só, assegurando a todos os vizinhos que havia visto cair do telhado, repetidas vezes, grãos de milho. Entretanto, no telhado não podia haver grãos de milho... Pouco depois, os grãos se introduziam no congelador fechado. Caíam pedras do telhado, no qual, no entanto, não se encontrou nenhuma abertura.

Na pequena casa mal-mobiliada ninguém podia ter se escondido sem ser visto por Dona Maria. A casinha estava bastante afastada das outras. Ao redor, não havia nenhuma árvore, nenhum esconderijo. Entretanto, quinze dias depois, quase simultaneamente, se abriram a porta e algumas janelas. Pedras e pedaços de madeira entravam na casa.

Dona Maria fugiu aterrorizada até a casa do administrador da fazenda. Imediatamente, o administrador e mais dez

pessoas viram latas deslocando-se, pedras caindo, vidros das janelas rompendo-se, tesouras voando em esquisitas parábolas.

O pânico tomou conta de toda a fazenda. Durante os dias seguintes, nas cinco casas habitadas da fazenda se registraram estranhos ruídos, movimentos de objetos etc. Meio tijolo caiu, verticalmente, com notável força, diante do administrador, nas circunstâncias mais inexplicáveis.

O pároco do povoado pensou que os fenômenos se deviam ao demônio. O "babalaô" afirmou que eram os espíritos dos mortos. Nem a bênção do padre, nem os defumadores do umbandista obtiveram algum resultado. Quase todas as tardes, depois das seis horas, repetiam-se os mesmos fenômenos.

MUITOS FATOS E INTERPRETAÇÕES

Milhares de casos semelhantes têm sido estudados nos últimos anos, investigando-se com o maior rigor "policial". O sábio pesquisador moderno Eric J. Dingwall, entre outros, publicou recentemente uma obra na qual se prova que as casas "assombradas" sempre existiram, desde as civilizações mais antigas, em todos os continentes.

Ao longo da história os homens vêm atribuindo a responsabilidade de tais fenômenos a ondinas, fadas, gnomos, gênios, pitões, larvas astrais, "poltergeists", etc.... Por que inventar tais seres do além?

Por que haveriam de ser os demônios? Que proveito tirariam os demônios daquelas famílias tradicionais e honradas, católicas praticantes, trabalhadoras? Começaram a rezar mais. Todas as tardes se reuniam os moradores daquela fazenda para rezar o terço... (e os fenômenos continuavam...).

Por que teriam de ser os espíritos dos mortos? Se os espíritos dos mortos tivessem força para realizar estes prodí-

gios, os espíritos dos vivos também a deveriam ter. Dizem que os espíritos dos mortos, para agir, precisam de um corpo. Daí a exigência de um médium. Mais fácil, pois, será para o espírito do vivo produzir o fenômeno, pois este já tem o próprio corpo que anima. Aliás, se o espírito do morto necessita do corpo para agir, como atua sobre o corpo do médium?

E, como as casas "assombradas", existem mil outras espécies de fenômenos misteriosos, sempre em conexão com o homem, antigo ou moderno, culto ou ignorante. Prevêem-se acontecimentos com antecipação de 20, 30, 100 dias, quando era impossível sua previsão por vias normais. Os fatos comprovam os prognósticos: foram prenunciados com bastantes detalhes a tragédia do Titanic, a queda do dirigível Alitália, o assassinato do presidente Kennedy... Certa mãe sonha com fatos da vida do filho que vive a milhares de quilômetros de distância...

E o que dizer de uma mesa que se levanta pelos ares, desafiando, ao menos aparentemente, a lei da gravidade? O que pensar de um ignorante e analfabeto que, de repente, começa a falar em línguas estrangeiras? Os habitantes de certos povoados da Índia, do Tibet, do México, da Espanha e da França passam com os pés descalços sobre brasas, sem sentir dor ou sofrer queimaduras. Fala-se de curas extraordinárias realizadas por feiticeiras e curandeiros. Poderes singulares são atribuídos a feiticeiros, faquires, iogues... Enfim, inumeráveis são os fenômenos assombrosos e incríveis, em todas as partes e em todas as épocas.

Existem estes fenômenos? Como se explicam? Os sábios, pronunciando-se sem prévio estudo, não seriam tão supersticiosos quanto os próprios supersticiosos?

Surgiu um ramo da Psicologia, a PARAPSICOLOGIA, que estuda todos estes fenômenos. Tais fenômenos (prescindindo dos raríssimos milagres) são fenômenos humanos, das

forças "ocultas" do próprio homem. Esta é a conclusão da Parapsicologia.

No dia 28 de outubro de 1964, em plena ebulição dos fenômenos, fui convidado, como parapsicólogo, para visitar a fazenda "mal-assombrada". Expliquei aos assustados moradores que se tratava de um caso de psicorragia (liberação das forças psíquicas do inconsciente humano), primeiramente da viúva Dona Maria (já internada). Houve também efeitos polipsíquicos: meninas adolescentes aterradas e mulheres em gestação (que mais facilmente se contagiam psiquicamente) colaboraram de um modo destacável, libertando suas forças inconscientes. Depois de algumas horas de explicação, voltaram todos à tranqüilidade. Recomendei calma, relaxamento neuromuscular, atitudes serenas de meros espectadores. E, naquela mesma tarde, os fenômenos já não se repetiram...

Os antecessores da parapsicologia

A Parapsicologia, como ciência universitária, é recente, mas seus preâmbulos são antigos, como os de todas as ciências de hoje. A Química foi precedida pela alquimia megalomaníaca e a Astronomia pela astrologia supersticiosa. Também a Parapsicologia teve seus predecessores plebeus.

Os antigos iniciados

Parece que na investigação dos fenômenos "ocultos", os antigos iniciados da Índia chegaram muito longe. Parece que os iniciados da Caldéia e do Egito receberam deles seus segredos. Estes segredos eram ocultos aos profanos com sigilo rigorosíssimo. Os conhecedores das explicações eram muito poucos e os praticantes, mais numerosos, que realizavam os

prodígios, ignoravam muitas vezes suas explicações profundas e verdadeiras, atribuindo-os, erradamente, à intervenção de diferentes forças extraterrenas.

Há autores que afirmam que as explicações naturais e verdadeiras estavam anotadas nos manuscritos guardados com tanto desvelo na biblioteca de Alexandria. Há, certamente, indícios históricos disto, mas é difícil saber o peso exato desta afirmação, inclusive, concedendo que, então, houvesse chegado até onde, hoje, tanto custou chegar, aquela ciência nos foi inútil, pois tudo desapareceu no incêndio da biblioteca de Alexandria, nos tempos de Teodósio.

Destruídos os manuscritos e dispersos os práticos da magia (ignorantes, por outro lado, das explicações), a fenomenologia continuou sendo algo misterioso, sobrenatural, na mente do povo.

LUZES ISOLADAS

A ciência oficial, por sua parte, "ignorava" estas "lendas". Somente de vez em quando surgiram alguns investigadores isolados, chamados ocultistas, que faziam brilhar pequenas claridades de verdade, misturadas, entretanto, com muitos erros. Assim, por exemplo, Basílio, Valentino, Paracelso, Avicena e Agripa.

Entretanto, tão pouca era a verdade escondida nas trevas do ocultismo que Agripa, ao final de sua vida, teve de retratar-se de uma grande parte de sua obra: "É verdade que, sendo jovem, eu mesmo escrevi três livros sobre magia, que intitulei 'Filosofia oculta'. Quantos erros cometi então? Hoje, tornando-me mais prudente, devo refutá-los publicamente e reconhecer que perdi muito tempo com essas futilidades". Retratação que tomamos como sintomática da pouca luz que há no ocultismo.

O CRISTIANISMO ENFRENTA A MAGIA

O Cristianismo, desde sua origem, adotou uma posição clara diante destas numerosas superstições que se imiscuíam neste tipo de fenômenos.

A cidade de Éfeso era famosa por seus livros de magia e por suas artes mágicas, muito freqüentes naquela cidade.

O evangelista São Lucas narra como muitos daqueles que haviam exercido a magia e a feitiçaria levaram seus livros ao apóstolo São Paulo, que organizou uma fogueira em presença de todos. Simão, o mago, "que havia enganado ao povo", foi expulso da Igreja por pretender comprar com dinheiro os poderes de São Pedro e São João, os quais ele considerava magos.

Os Santos Padres e Escritores Eclesiásticos se referem inúmeras vezes a fenômenos "misteriosos". Tertuliano, por exemplo, no século II, fala das "evocações dos mortos", adivinhações, sonhos provocados (hipnose ou transe), movimentos de mesas que respondiam perguntas ao contato das mãos, assim como de outros prodígios associados a superstições, "com os quais enganam ao povo".

A filosofia alexandrina, com a qual Juliano, o Apóstata, pretendia subjugar o Cristianismo, tinha por dogma fundamental a "evocação dos mortos" e apresentava os fenômenos usuais do espiritismo.

A paixão pelo ocultismo e pelos fenômenos maravilhosos existia em todas as classes sociais, como afirmam S. Gregório de Niza, Lactâncio etc.

AS FOGUEIRAS HUMANAS

Durante vários séculos, o ambiente de "bruxaria" infestou a Europa. Na Inglaterra, em Pendle Forest, Lancanshire, um menino caluniador acusa de bruxaria a Sra. Dickenson e

outras vinte subalternas suas, da vizinhança. Pelo "sólido" testemunho de um menino de doze anos, oito destas mulheres foram queimadas vivas.

O Pe. Heredia, SJ, resumindo mais de dez autores, afirma que, somente na Escócia, no curto período que vai da execução de Maria Stuart até a coroação de seu filho como rei da Inglaterra, isto é, 32 anos, foram executadas 1.700 bruxas. Em Genebra (Suíça), em três meses apenas, foram queimadas 500 bruxas, de acordo com a "Chamber's Encyclopedia". Segundo a "New Internacional Encyclopedia", 7.000 bruxas foram queimadas, em poucos anos, em Tréveris. A "Nelson's Encyclopedia" afirma que a bruxaria custou, somente na Alemanha, 100.000 vidas.

Os prodígios realizados ou atribuídos às bruxas ultrapassam a tudo o que foi realizado ou atribuído aos médiuns espíritas, aos faquires, aos iogues da Índia, aos aisauas da África ou aos lamas do Tibet.

Com tantos processos e debates, foram se extinguindo as fogueiras contra as bruxas e se percebendo cada vez mais a necessidade da instalação de hospitais para cicatrizar as feridas por onde escapavam as forças psíquicas, responsáveis por aqueles fenômenos. Pouco a pouco, a Medicina foi compreendendo o papel do psiquismo humano na bruxaria. O primeiro hospital para bruxas foi fundado em 1425, por Alfonso V, em Saragoça, Espanha, "berço da psiquiatria", como a chamou o psiquiatra norte-americano Peter Bassoe. Um século depois, a Inglaterra abriu seu primeiro hospital para bruxas: Beclan, 1547. Dois séculos mais tarde, a França segue o mesmo exemplo: Paris, 1741.

OS PODERES DO MAGNETISMO HUMANO

Já no século XVIII, o Dr. Franz Anton Mesmer, uma curiosa mistura de gênio, pesquisador e charlatão, assombrou a

Europa com seus prodígios. Muitíssimas pessoas, loucos e neuróticos, paralíticos, cegos e mudos, reumáticos e alérgicos eram curados pela imposição das mãos de Mesmer. Sob a influência de Mesmer, delicadas senhoritas se contorciam violentamente sem "se quebrar". Podiam receber fortes bordoadas sem sentir nada, podiam realizar profundas operações cirúrgicas sem dor e sem sangue... Posteriormente, tão grande era a afluência de toda a classe de enfermos, que Mesmer teve que se servir de "água curadora" e de varinhas "magnetizadas" para poder curar em massa.

Sábios como Puysegur, Deleuze, Potet e outros aprofundaram mais no mesmo sentido, no século passado. As escolas de hipnotismo do hospital de Salpetrière, sob a direção de Charcot, e do hospital de Nancy, dirigido pelo Dr. Bernheim, lançaram nova luz sobre os poderes psíquicos do homem, especialmente no que se refere às curas extraordinárias, à resistência, à dor, à fadiga e às "adivinhações", incluindo às adivinhações a enorme distância e com referência ao futuro.

À MARGEM DA CIÊNCIA

No final do século passado, a escola de neo-ocultismo, dirigida por Eliphas Levi, Stanislas de Guaita, Papus etc., tenta reconstruir os conhecimentos dos antigos iniciados.

Porém, os esforços são pouco proveitosos para a ciência, por misturarem a verdade com os erros, sem critério diferencial suficiente. Os antigos também encobriam seus segredos com expressões que somente eram decifráveis aos iniciados. Os neo-ocultistas, ao imitá-los, insistiram demasiadamente nos enredos.

Existe aqui um detalhe característico: o mais destacado, talvez, dos neo-ocultistas foi Eliphas Levi (Alphonse Louis Constant), porém é sabido que nos últimos anos de sua vida

abandonou o ocultismo, ao qual aderira como a uma religião, e voltou ao seio da Igreja Católica, a que pertencia antes de unir-se ao ocultismo-esoterismo.

O HOMEM FOI ESQUECIDO

"Parece que todas as ciências devem passar antes pelos vestíbulos da superstição" — dizia Pierre Janet. O vestíbulo da Parapsicologia, foi longo e obscuro. Em outros ramos da ciência, no final do século XIX, já se passara a salas bem iluminadas. Pensava-se que o homem havia feito brilhar a luz em todos os campos da realidade e que, para o futuro, a expansão científica produzir-se-ia somente em forma vertical. A expansão horizontal, porém, não havia terminado ainda. Permanecia na penumbra a maior parte dos poderes inconscientes do psiquismo humano.

O homem derramou luz sobre a realidade circundante e se esqueceu dele mesmo. "O homem, esse desconhecido", foi o famoso grito de Alexis Carrel. Ou como dizia Conan Doyle: "Entre todas as coisas que o homem chegará um dia a compreender, a última será, seguramente, ele mesmo".

Os materialistas negavam, *a priori,* inclusive a existência dos fenômenos, considerando-os, sem restrições, como simplesmente existentes na imaginação dos espiritualistas. Absurda seria uma investigação daquilo que não existia. Não admitiam mais poderes no homem que os meramente físicos. Tal era, em geral, o ditame da ciência oficial da época.

2. INVESTIGAÇÃO

Alguns sábios cientistas como William James, Freud, Jung e Mac Dougal, para só citar exemplos de psicólogos, che-

garam a considerar que havia evidências mais que suficientes para justificar uma investigação cansativa de tais fenômenos com métodos experimentais.

Evidentemente a posição científica deve ser a de estudar tais temas antes de negá-los ou afirmá-los. Por outro lado, nenhuma realidade possível do nosso mundo deve ser excluída da pesquisa científica e menos ainda quando estreitamente relacionada com o homem e por isso de maior importância, como são os fenômenos parapsicológicos.

Em 1882 se deu o primeiro passo eficaz, em ordem à intervenção científica, quando se fundava a "Society for Psychical Research" de Londres, que reuniu sábios universitários de primeira categoria, inclusive vários prêmios Nobel em diversos campos do saber. A iniciativa partiu de William Barret, de Dublin e de J. Romanones. O primeiro presidente da Sociedade foi Henri Sidgwick, a quem seguiram na presidência, sucessivamente, nomes muito conhecidos no âmbito científico, como Stewar Balfour, William Crookes, William James, A. J. Balfour...

Em seguida, funda-se uma filial da "Society for Psychical Research" nos EUA, a "American Society for Psychical Research" e, no decorrer dos anos, aparecem sociedades semelhantes em vários países.

As universidades, no entanto, se mantinham alheias à nova investigação. As exceções, ainda que prenúncios de um futuro melhor, foram muito poucas: em 1893, Albert Coste consegue o título de Doutor em Medicina, pela Universidade de Montpellier (França), com uma tese sobre as forças (hoje diríamos parapsicológicas) inconscientes do psiquismo humano; em 1911 se estabelece na Universidade de Stanford um laboratório subvencionado para esse tipo de investigações e, em 1917, se publicam os resultados de experiências sobre o conhecimento extra-sensorial, realizadas naquela universi-

dade, sob a direção do Prof. Dr. John E. Coover; em 1912 a Universidade de Harvard estabelece a Fundação Hodgson para investigação destes temas.

Chamou-se esta primeira etapa de investigação de *metapsíquica*.

A PARAPSICOLOGIA

Na segunda etapa da investigação, muito recente, a metapsíquica cedeu lugar à *parapsicologia*. Na América do Norte começou assim:

O Sr. John Thomas, advogado, perdera sua esposa, Sra. Ethel. Tratou então de saber se realmente era possível obter de seu "espírito desencarnado" algumas mensagens. Organizou uma série de tentativas com médiuns famosos.

Thomas se apresentava com nomes supostos, enviava pessoas que não conheceram sua esposa... Segundo sua opinião, obteve grande quantidade de "provas" sobre a comunicação com o "além".

Em 1927, o Dr. Thomás destina uma grande subvenção ao Dr. Joseph Rhine e esposa, Dra. Louisa Rhine, para que, sob a direção do famoso psicólogo William Mac Dougal, estudassem cientificamente aquelas provas e outros problemas relacionados, segundo o Dr. Thomas, com a comunicação com os mortos. As tais "provas" estão, hoje, catalogadas entre as manifestações do psiquismo humano dos vivos e não do "além", como o próprio Dr. Thomas terminou por reconhecer.

O Dr. Rhine e seus colaboradores conseguiram ainda mais. Num trabalho exaustivo de revisão, encontraram métodos verdadeiramente científicos para a investigação. Foi assim que, em 1934, com a apresentação ao mundo da nova metodologia, a investigação, para diferenciar-se da metapsí-

quica, passou a chamar-se PARAPSICOLOGIA. E, à medida que em outros países se encontravam métodos de estudo para os diversos fenômenos, a Parapsicologia ia absorvendo a metapsíquica.

Os resultados positivos obtidos justificaram a criação, neste mesmo ano, 1934, do Laboratório de Parapsicologia da Universidade Duke, em Durham, Carolina do Norte, dirigido desde então pelo Dr. Rhine. Foi o primeiro centro universitário de pesquisa com investigadores *full-time*, pessoal administrativo e adequados recursos financeiros.

A Parapsicologia principia a sair do âmbito *amateur* para ingressar diretamente na investigação oficial.

Um ano antes, 1933, a mesma Universidade Duke concedia o título de doutor, por seus trabalhos de investigação na Parapsicologia, ao Sr. John Thomas. Simultaneamente, outras universidades de diversos países mantiveram seus próprios investigadores e, assim, naquele mesmo ano, com trabalhos em pesquisas parapsicológicas, se doutorava, pela Universidade de Bonn, Hans Bender (atualmente catedrático de Parapsicologia na Universidade de Friburgo, Alemanha) e pela Universidade Real de Utrecht se doutorava W. H. C. Tenhaeff (atualmente catedrático de Parapsicologia da mesma Universidade Real).

Cada ano que passava, novas universidades, em todo o mundo, abriam suas portas para a nova ciência. Em 1939, somente na América do Norte, havia 43 universidades dedicadas ao estudo destas manifestações do psiquismo humano, à margem da psicologia normal e patológica.

A ciência parapsicológica encontrou, por fim, seu caminho e é reconhecida e respeitada como ciência de vanguarda. Foi reconhecida "oficial" e universalmente como ciência em 1953, por ocasião do Congresso Internacional de Parapsicologia, organizado pela "Foundation International of Parapsi-

chology", pela Universidade de Utrecht e pelo Ministério de Educação e Cultura da Holanda.

Nesta mesma data surgia, pela primeira vez, um professorado profissional de Parapsicologia, sob a direção do professor catedrático W. H. C. Tenhaeff. Posteriormente, multiplicaram-se as cátedras universitárias de Parapsicologia nos países mais adiantados.

EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

É difícil encerrar em uma definição tantos e tão variados fenômenos. Algumas das definições que se tem proposto fogem das dificuldades e caem em tautologias. Por exemplo: "A Parapsicologia tem por objeto a comprovação e análise dos fenômenos de aparência paranormal" ou "estuda os fenômenos parapsicológicos e aqueles relacionados com eles". Os termos que se quer definir não devem entrar na definição.

Tomamos aqui o termo "parapsicológico" como sinônimo de extraordinário, surpreendente, à margem do normal, inexplicável à primeira vista.

Parapsicológico (e paranormal) não significa anormal, no sentido pejorativo da palavra. Fenômeno paranormal não é sinônimo de patológico, próprio de enfermos ou de loucos..., ainda que o limite entre paranormal, anormal, normal muitas vezes seja simples questão de grau que nem sempre é fácil precisar. Aliás, a freqüência dos fenômenos parapsicológicos, espontâneos ou provocados, pode levar à anormalidade.

Por outro lado, as faculdades parapsicológicas, consideradas como *faculdades,* são patrimônio de todo o gênero humano e, nesse sentido, são faculdades normais. Porém, sua *manifestação* é privativa de pessoas especiais ou de circunstâncias extraordinárias. Portanto, o fenômeno, a manifesta-

ção da faculdade, é parapsicológica, extraordinária, à margem da psicologia normal ou patológica.

Preferimos o prefixo "para" (para = à margem de) ao prefixo "supra" (supra = acima de). Suprapsicológico e supranormal, com efeito, sugerem, mais ou menos reflexa ou inconscientemente, uma relação com o sobrenatural, que escapa do plano no qual a Parapsicologia se move direta e comumente.

Os fenômenos chamados parapsicológicos são, ao menos geralmente, "espontâneos", irreproduzíveis voluntariamente... E este aspecto, também, está incluído no termo "parapsicológico". Contudo, muitos fenômenos parapsicológicos, apesar de serem espontâneos, não reiteráveis à vontade, podem ser comprovados matematicamente.

Notemos, também, que o aspecto da "espontaneidade" ou incontrolabilidade, incluído no conceito de parapsicológico, e o aspecto de estranho, de inexplicável (novos para a ciência "tradicional") não são próprios de todos os fenômenos que a Parapsicologia estuda. Por isso, devemos ampliar o termo com o de "aparente" ou "à primeira vista" parapsicológico.

NOSSA DEFINIÇÃO

Propomos uma definição, a título de orientação: "*A Parapsicologia é a ciência que tem por objeto a comprovação e a análise dos fenômenos, à primeira vista inexplicáveis, que apresentam, porém, a possibilidade de serem resultado das faculdades humanas*".

Alguns esclarecimentos: usamos a palavra "*ciência*" e não o termo "disciplina" ou outro equivalente. A parapsicologia é ciência em qualquer sentido em que tomemos esta palavra; é experimental no sentido de fundamentada na experiência, na observação, e assim se equipara à História, à Medicina, à

Psicologia... É rigorosa na sua argumentação e, nesse sentido, coincide com a Filosofia etc.

Alguns afirmam, porém, que somente seria ciência se, em *todos* os fenômenos estudados, as suas experiências pudessem ser repetidas com igual êxito, em circunstâncias iguais, como na Física, na Química... A Parapsicologia nem sempre seria ciência se tomássemos o conceito de ciência neste sentido tão restrito e inexato, dada à espontaneidade de muitos dos fenômenos parapsicológicos.

Ora, excluir do campo da ciência fenômenos do nosso mundo, só pelo fato de não ser reiteráveis à vontade, ou raros, talvez até únicos... é restringir ou desconhecer o conceito de ciência... Assim se acabaria também grande parte da História, da Astronomia, da Medicina, da Sociologia, e da Geologia, e até da própria Física. Quantas vezes apresentam-se na Física teorias (por exemplo, a respeito da origem da matéria do universo), ainda nunca comprovadas e que depois são inclusive superadas; e nem por isso deixam de pertencer à ciência, ao estado atual da ciência.

À primeira vista inexplicáveis: esta aparente inexplicabilidade dos fenômenos pode dever-se, muitas vezes, ao seu caráter de estranheza que os coloca longe de nosso juízo habitual. Na realidade não é mais estranha uma visão telepática que a visão retiniana... É só menos comum.

Com possibilidade de serem resultado: Não afirmamos que, de fato, sempre derivam das faculdades humanas, nem que seja obrigatória a comprovação de que derivam delas. Há sempre em todos esses fenômenos a intervenção de uma pessoa humana, ainda que seja considerada como bruxo, feiticeiro, médium, endemoninhado ou santo... Ao menos, há uma testemunha, como, por exemplo, uma adolescente numa casa "mal-assombrada". O homem sempre intervém, seja para testemunhar, seja para comprovar. Existe, pois, a possibilidade

(como notamos anteriormente) de que o fenômeno se deva ao homem, às suas forças "ocultas" (talvez de atuação à distância). Pode ser que depois das investigações se comprove que um tal fenômeno supere as forças humanas... É então sobre-humano.

Faculdades Humanas: Não ignoramos, igualmente, que a Parapsicologia estuda e tem feito experiências com animais e plantas. Porém, até hoje, a quase totalidade dos estudos que se fizeram com animais e plantas teve por objeto lançar luz sobre os fenômenos humanos.

METODOLOGIA

Quando a ciência começava, na época do Renascimento, e antes que demonstrasse as explicações das coisas, quando se descobriam possíveis explicações e sobre elas se discutiam, os cientistas deparavam com duas possíveis causas: umas materiais e outras espirituais. Falava-se de coisas materiais, falava-se de coisas espirituais. De muito bom grado, os cientistas começavam a estudar as coisas materiais porque são mais fáceis. Podem ser examinadas em laboratório, cortadas, fotografadas, pesadas, divididas, analisadas. Não negou as possíveis realidades espirituais: foram colocadas entre parênteses, para posterior estudo. Começou pela tarefa mais acessível. Deu-se um fenômeno psicológico que, dentre os psicológicos, Jung analisa muito bem. Tanto se estudaram os fenômenos materiais que os cientistas, por um fato psicológico, quase sem perceber, aprioristicamente chegaram à conclusão de que *somente* existia a matéria, passando a negar todas as realidades espirituais, que nunca se deram ao trabalho de estudar. Sem nenhum direito negavam aquilo que nunca estudaram. Tinham direito de afirmar a matéria porque ela fora objeto de suas análises, mas não tinham direito

de negar possíveis realidades espirituais, que jamais estudaram, mas que podem (por que negar antes de estudar?) pertencer ou atuar em nosso mundo.

Os cientistas penetraram mais no seu erro apriorístico, porém psicológico. Concluíram que somente seria metodologia científica aquela que fosse aplicável à matéria, a metodologia tradicionalmente empregada por eles no estudo da matéria... Os fenômenos repetíveis à vontade, aos quais se pode aplicar a estatística matemática, que se podem fotografar, tocar, pesar... Todos os métodos de observação diferentes não seriam métodos científicos. Tal critério é apriorista: significa submeter o objeto de estudo ao método de estudo. Se o objeto que temos que estudar fosse (por que não poderia ser?) essencialmente esporádico, espontâneo, irredutível à vontade, como podemos obrigá-lo a que seja repetível conforme o desejo e que se lhe possa aplicar a estatística matemática? Se o fenômeno fosse (por que não?) invisível, essencialmente, como posso fotografá-lo? Se fosse (por que não?) imponderável, intangível, indivisível..., devemos cortar, pesar, analisar suas partes? Não as tem...

Não é científico acomodar o objeto ao método, é necessário submeter o método de observação ao objeto de observação. Os cientistas psicologicamente incorreram neste erro apriorístico, e os racionalistas, em luta com a Igreja, se encarregaram de fomentar este erro. Lamentavelmente, até o final do século passado, de modo geral toda ciência era apriorista e acientificamente materialista. Estudava unicamente a matéria, negando tudo o que fosse, parecesse ou se relacionasse com o espírito.

Mas estudando o homem, que se acreditava ser somente matéria, a Parapsicologia se encontrou com o espírito, que não intencionava estudar, inclusive com a metodologia "materialista", à base da estatística matemática, encontrou e

demonstrou as manifestações do espírito (veremos mais adiante esta afirmação que aqui apresentamos como exemplo).

O método estatístico é característico da chamada escola norte-americana ou espiritualista. Hoje, felizmente, não se emprega unicamente a metodologia "materialista" da escola, "espiritualista". Outras escolas de Parapsicologia, após 30, 40 anos, demonstraram a eficácia de seus métodos em contraposição aos métodos tradicionais e válidos para a Física, ou para a Química, que, porém, nem sempre servem para o estudo das faculdades psíquicas. A Parapsicologia possui, hoje, muitos métodos específicos, próprios dela, válidos cientificamente, sem o erro apriorístico do superado materialismo do século passado e começos do século presente.

3. IMPORTÂNCIA DA PARAPSICOLOGIA

O interesse do nosso mundo ocidental pelas ciências psíquicas está à vista. Cansados do técnico, com um sentimento de escravidão, os homens buscam algo que lhes revele mais sua própria natureza. Os *hippies*, com suas práticas ocultistas, os iogues, o êxito das religiões orientais etc. são algumas de tantas provas desta busca. E as drogas? O que são, senão um estimulante deste submundo psíquico por explorar, que chama a atenção de nossa civilização? Neste ambiente surge a Parapsicologia, evidentemente com destaque.

Os fenômenos parapsicológicos se fomentam muito e estão enormemente difundidos na América Latina, em geral, e de maneira destacada no Brasil: Ocultismo, Teosofismo, Esoterismo, Filosofia Oriental etc.... A interpretação mais em voga é a espírita. Atribuem-se ao "além" fenômenos completamente naturais. Mais uma mistificação de tantas havidas ao longo da história. Calcula-se que o número de espíritas no Brasil eleva-se a 25 milhões. O espiritismo influi em todas as

regiões, com seus hospitais, centros, colégios, associações de todas as classes...

Mais de 100 jornais e 150 revistas estão sob orientação espírita. Só do livro fundamental de Allan Kardec (codificador do espiritismo latino), *O Livro dos Espíritos*, uma editora de São Paulo leva lançados mais de 4 milhões de exemplares.

O crescimento do espiritismo pode ser considerado como de proporção geométrica.

Grandes implicações sociais, médicas e religiosas se derivam das conceituações erradas a respeito dos fenômenos parapsicológicos. É grave a mentalidade que se difunde entre o povo. A interpretação dos fatos e posições da vida, em milhões de brasileiros, são conseqüências de teorias supersticiosas. Uma atitude desta índole leva a uma alienação da realidade.

A interpretação popular freqüentemente é errada. A fenomenologia, porém, é muitas vezes real, parapsicológica. Evidentemente, a posição dos cientistas é a de estudar tais temas antes de negá-los ou afirmá-los ou explicá-los... Dando uma explicação científica aos fenômenos, a Parapsicologia ajudará a desmitificar, trará ao terreno da ciência o que estava no campo da superstição. Estabelecerá os verdadeiros limites da realidade.

Os médicos, psicólogos, sociólogos, filósofos e até os teólogos têm muito a lucrar com a Parapsicologia, como facilmente se compreenderá pelos temas de que ela trata.

Schopenhauer dizia: "Os fenômenos em questão, ao menos do ponto de vista filosófico, são, com muito, os mais importantes entre aqueles que nos fornece a experiência; em conseqüência, familiarizar-se com eles é dever de todo sábio". E o famoso filósofo Myers: "Estas perturbações da personalidade não são para nós o que têm sido para outras gerações precedentes, é dizer, "milagres" nos quais os céticos, se-

gundo a moda antiga, têm o direito de não acreditar. Pelo contrário, começa-se a considerá-los como problemas de psicopatologia do mais alto interesse, cada um dos quais nos dá uma visão da estrutura íntima do homem". E, de maneira geral, os pesquisadores do tema afirmam que as ciências, Biologia, Fisiologia, Medicina, Filosofia, Teologia etc. ver-se-ão afetadas e interessadas naturalmente por toda esta nova gama de descobrimentos.

Escolas e grupos de estudo

Na Parapsicologia se distinguem três escolas principais, ainda que a partir de 1960, dada a unanimidade mundial nos conceitos substanciais, seria mais exato falar em objetos tradicionais de investigação, especialização ou ensino.

Capítulo II

ESCOLA MATERIALISTA

Nos países da antiga Cortina de Ferro, por exemplo, Instituto de Fisiologia da Universidade de Leningrado, dirigido pelo Dr. Guliaev; Centro de Estudos Parapsicológicos, na Checoslováquia, dirigido pelo Dr. Ryzl; Cátedra e Instituto de Parapsicologia da Universidade de Leningrado, dirigidos pelos Drs. Bechterev e Vassiliev etc., estudam-se os fenômenos que têm explicação fisiológica (sem excluir, a partir de 1960, os fenômenos das outras escolas).

1. HIPERESTESIA DIRETA

O professor Lombroso encontrou uma histérica que, em ataques de hipnotismo espontâneo, perdia completamente a visão pelos olhos, vendo, entretanto, com a mesma acuidade, pelo lóbulo da orelha esquerda. Não só distinguia as cores, mas até os caracteres de uma carta recebida havia pouco. Mais ainda, concentrando com uma lente alguns raios de luz sobre o lóbulo da orelha, a histérica ressentia-se vivamente e gritava, sacudia a cabeça e cobria a orelha com o braço. Igual fenômeno sucedia com o sentido do olfato: a amônia e a assafétida aplicadas ao nariz não davam nenhuma reação. Aplicadas ao queixo, faziam espirrar e obrigavam a doente a afastar a cabeça em sinal de náusea e enfado.

Foi muito famosa uma menina francesa, Giselle Court, que como resultado de uma queda ficou cega. Com enorme vontade de vencer, a menina, sem saber exatamente o absurdo que poderia parecer a sua pretensão, exercitou as extremidades dos dedos até conseguir distinguir as cores apenas aproximando e detendo os dedos sobre elas. Passado algum tempo, após muito esforço e treino, conseguiu aprender a ler (e escrever) com notável facilidade.

Vários cientistas presididos por Jean Labadie examinaram uma senhora que conseguia ver com os olhos tapados por vendas, especialmente elaboradas para impedir qualquer visão ocular. A senhora "via" pela fronte. Como resultado da publicação dessas experiências, descobriram-se três irmãzinhas de onze, treze e catorze anos, plenamente normais, ao menos aparentemente, que "viam" também pela fronte com pasmosa regularidade. Dezenas de experiências conduzidas com o mais severo controle científico descartaram a fraude: o fenômeno era autêntico.

Outro senhor, hipnotizado, "lia" pelo cimo da cabeça... Casos semelhantes têm sido recolhidos em quantidade.

Falou-se da visão por outros nervos que não os da retina, à que chamou-se "visão paraóptica". Outros acreditavam que o prodígio se devia à telepatia. Mas ambas as teorias foram desprezadas: a primeira por contrária à Fisiologia; a segunda, por contrária à Parapsicologia. Com efeito: não sendo os nervos próprios da visão e, por conseguinte, não sendo impressionado o mesmo centro cerebral, aquela extraordinária percepção não pode ser visão propriamente dita (nem olfato propriamente dito...). E falar em "visão" impropriamente dita é deixar o problema sem resolver. Também não pode ser telepatia, entre outras razões, porque a Parapsicologia tem demonstrado que a telepatia não pode ser constante ou tão

regular como a "visão" de algumas pessoas cegas ou sem fazer uso dos olhos.

Surgiram muitas outras teorias, inclusive se pensou na explicação pelo eco, ao modo do eco que guia os morcegos. Ou seria uma espécie de radar humano... Assim pretendiam explicar casos como o de um professor de História do Instituto Nacional de Paris que tinha ficado cego. Mas observado cientificamente pelo Dr. Zabal, se comprovou que podia evitar obstáculos: notava um muro à distância de dois metros, por exemplo. Outro cego é introduzido pelo Dr. Zabal em um quarto no qual nunca tinha estado, e à distância de 2 metros percebeu um móvel de grandes dimensões; era um bilhar...

Foram as observações e experiências com animais que deram a pista para a solução do problema. O grande naturalista Spalanzani, dezenas de vezes, repetiu a experiência de cortar a cabeça a escaravelhos. É sabido por todos que o centro motor e sensitivo do escaravelho está no tórax e não na cabeça. Pode, pois, sem cabeça continuar a andar e a sentir... e evitar os obstáculos. Portanto, os *sente,* sem vê-los.

Foi celebérrimo o cavalo Barto, um dos cavalos de Elferfeld, velho e cego. Não obstante, hoje fica fora de toda dúvida que sentia os movimentos aparentemente imperceptíveis dos assistentes, e que por eles se guiava para começar ou deter-se em bater no chão com a pata, em resposta a perguntas que se lhe formulavam.

Já há muito tempo Rafael Dubois tratou longamente dos animais que sentem as vibrações do ar, o refletir-se do barulho das suas próprias pisadas, a sensação tátil dos raios de luz refletidos nos objetos... dando a impressão de que "vêem", apesar de não terem olhos. Não vêem, *sentem.*

Assim nasceu a explicação dos homens que "vêem" sem olhos ou cheiram pelo queixo, ou ouvem pelas mãos; não vêem,

nem cheiram, nem ouvem... sentem o contato dos raios de luz, das vibrações do ar, dos eflúvios odoríferos... e o cérebro responde causando uma alucinação a modo de visão ou cheiro... a esta grande sensibilidade se chamou HIPERESTESIA.

Com o exercício pode aumentar-se ilimitadamente a manifestação da hiperestesia. Os marinheiros chegam a enxergar objetos a distâncias muito superiores das que precisam pessoas dedicadas a outras profissões. Os pintores chegam a distinguir, nas cores, matizes completamente indiferenciáveis para o comum dos homens. Certos selvagens possuem, pelo exercício, um ouvido que supera a sensibilidade do mais sensível microfone.

O Dr. Azam colocava a mão à distância de quarenta centímetros do dorso descoberto de uma hiperestésica, que, aliás, estava hipnotizada. Esta não só sentia o calor da mão, mas se curvava para a frente queixando-se do grande calor. Outro tanto sucedia por causa do frio quando um pedaço de gelo era posto a bastante distância. Outro hiperestésico, observado durante a hipnose pelo Dr. Bremant, acompanhava, do gabinete médico, através dos vidros da janela, um diálogo tido em voz baixa noutro extremo da rua.

A Sra. Kulechova foi estudada pelo Dr. Vassiliev no laboratório de Parapsicologia da Universidade de Leningrado. Kulechova, depois de lhe ser impedida completamente a visão pelos olhos, lia livros e revistas pelas pontas dos dedos, distinguia pelas pontas dos dedos as cores dos objetos, percebia, sem contato, objetos mínimos... inclusive, isto se realizava na semi-obscuridade. "Via" pela ponta dos dedos, ainda, sob iluminação exclusivamente infravermelha, apesar da pouquíssima graduação (a luz infravermelha é normalmente invisível ao sistema ocular humano). Recentemente, investigadores dos EUA, sob a direção do Dr. Richard P. Youtz, designaram com a sigla DOP (percepção dermo-óptica) a hiperes-

tesia no seu aspecto de visão (não retiniana), que eles acreditavam ter descoberto agora...

2. CUMBERLANDISMO

O cumberlandismo parapsicológico é muito amplo. Por contato, os dotados de faculdades parapsicológicas podem adivinhar não somente uma ação por se realizar, mas toda e qualquer coisa.

Contemos, por exemplo, o caso do Dr. Murray, então diretor da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres. Tomando pela mão uma pessoa que pensasse qualquer coisa, ele a adivinhava com todos os detalhes. Uma experiência qualquer:

A Sra. Toynbee havia escrito: "Início de uma passagem de Dostoievsky na qual o cão de um homem pobre morre em um restaurante".

O Dr. Murray, que não era especialmente sensitivo, nem dotado especial, tomou a mão da Sra. Toynbee, se concentrou, deixou que o inconsciente tomasse conta do organismo humano e começou a dizer: "Parece-me que é algo tirado de um livro. Diria que se trata de um livro russo. Um homem muito pobre. Parece que se trata de algo relacionado com um cão morto. Um cão muito infeliz. De repente, ocorre-me que é dentro de um restaurante". Até aqui tudo exato. "As pessoas brigam e depois voltam e se esforçam para ser boas. Desse último aspecto não estou seguro." É muito interessante esse detalhe. A Sra. Toynbee não o havia escrito no papel, que serviria de comprovante daquilo que ela pensava, mas de fato estava escrito em Dostoievsky, de onde ela havia extraído o que em resumo escrevera. Ele, porém, notou que não estava adivinhando o que havia sido escrito no papel, e sim outra coisa que também estava no pensamento da Sra. Toynbee e, por isso, acrescentou: "disto não estou seguro".

Somente faltava o nome de Dostoievsky e, depois de várias circunlocuções, falou: "Tenho a impressão de que é alguma coisa assim como Gorky, mas não é Gorky". Disse Gorky em vez de Dostoievsky. Dos...ky, Gor...ky: há alguma semelhança.

É um exemplo, entre milhares que poderíamos narrar, de experiências de adivinhações por contato, realizadas em laboratório.

As experiências de laboratório, em geral, são menos notáveis, porque não há relação emocional. É uma situação construída, fria, muito acadêmica. Nos casos espontâneos, geralmente, os fenômenos são muito mais interessantes. São precisamente estes casos que têm despertado a atenção dos parapsicólogos por suas manifestações.

3. HIPERESTESIA INDIRETA

Em primeiro lugar, os mecanismos da faculdade chamada HIP, ou hiperestesia indireta do pensamento. Todos os nossos atos psíquicos, de qualquer espécie, conscientes ou inconscientes, pensamentos, recordações, sentimentos, se traduzem ou são acompanhados por reflexos físicos de diversas ordens. Por exemplo, um falar muito diminuído, muito suave, muito subterrâneo; umas emanações de tipo magnético, detectadas hoje e medidas pelos russos, de uma hiperfreqüência notável; uns reflexos na pele, reflexos também motores etc.

Por meio deste mecanismo, os pensamentos de qualquer pessoa passam às pessoas que estão presentes. Tudo o que sentimos e imaginamos passa e não pode deixar de passar às pessoas que estão presentes. Estas pessoas, inconscientemente, captam de uma forma direta os reflexos sensoriais e indiretamente os pensamentos ou os atos psíquicos que os provo-

caram. Este é o mecanismo da faculdade Hiperestesia Indireta do Pensamento, a HIP, mecanismo certamente complexo, impossível de ser explicado em poucas palavras.

Tudo o que as pessoas presentes sabem, o inconsciente também sabe. É lógico, portanto, que algumas vezes o manifeste. Pode manifestar-se, isto é, a HIP se revela de duas maneiras: por contato ou sem contato. Quando é por contato, chamamo-la cumberlandismo (já aludimos a ele), por ser Eduardo Cumberland o primeiro a descobri-lo e a apresentá-lo, inclusive, em demonstrações públicas.

Muito conhecida tornou-se a menina Ilga K., de Trapene (Letônia). Filha de pais sãos, desenvolveu-se normalmente, mas intelectualmente permaneceu muito atrasada. Aos oito anos balbuciava como uma criança de dois. Nunca aprendeu a ler, nem a calcular. Não passou do conhecimento isolado das letras e dos algarismos. Pois bem, aos nove anos, apesar de ser incapaz de ler e calcular, quando se concentrava, Ilga lia qualquer parágrafo em qualquer língua, incluindo latim e grego antigos, resolvia problemas matemáticos contanto que alguém (principalmente sua mãe) os tivesse em sua presença, lendo mentalmente o mesmo parágrafo ou pensando na solução do problema. Discutia com professores universitários sobre qualquer tema: "sabia", sem compreender nada, tanta Matemática quanto os professores de ciências exatas, discutia com os catedráticos de Medicina...

Investigações sucessivas, rigorosas, continuadas, de especialistas de vários países, demonstraram que se tratava de um caso de manifestação de HIP — hiperestesia indireta do pensamento —, pela qual nosso inconsciente capta e, às vezes, pode manifestar (casos especiais ou pessoas especiais) tudo o que todas as pessoas presentes conhecem, incluindo conhecimentos inconscientes. Nosso inconsciente é um sábio prodigioso.

4. PANTOMNÉSIA

Além de sábio, o inconsciente não esquece nada. Outra faculdade inconsciente, comum a todo o gênero humano, é a chamada pantomnésia, memória de tudo. Um jovem açougueiro, em um ataque de loucura, recitava velozmente páginas inteiras da *Fedra* de Racine. Curado da loucura, por mais esforços que fizesse, não conseguia recordar-se de um só verso. Declarou que ouvira apenas uma vez a leitura desta tragédia, quando pequeno.

Para saber até onde chega o poder mnemônico do inconsciente, um passo importante, sem dúvida, é a comprovação de que nosso inconsciente nos recorda coisas que conhecemos quando nem possuíamos o uso da razão. Este fato se comprovou muitíssimas vezes.

O Dr. Maury, por exemplo, conta que certa noite sonhou que era criança e que vivia num povoado chamado Trilport. Ali, imaginou ver um homem uniformizado, que dizia chamar-se... "fulano de tal". Maury apreciava analisar seus sonhos. Ainda que não tivesse a menor idéia daquele homem nem daquele povoado, onde pensava não ter nunca vivido, havia no sonho uma vaga sensação de "já visto". Passado algum tempo se encontrou com a antiga ama-seca. Ela lhe disse que, sendo ele muito pequeno, foram à mencionada localidade, onde o pai devia construir uma ponte, e que ali existia um policial com o mesmo nome que soubera através do sonho.

Por meio da hipnose ou de associações, testes, drogas etc., o psiquiatra poderá obter algumas vezes do inconsciente recordações que o auxiliem na recuperação do paciente. O advogado poderá obter preciosos dados para a reconstrução dos fatos do seu cliente etc. Pela hipnose se chegou, às vezes, a bastante profundidade no arquivo inconsciente. Uma experiência quase de rotina é a comprovação da memória do inconscien-

te durante a hipnose. Conseqüentemente, a imaginação também se exalta, dando à linguagem dos pacientes um brilho e um colorido notáveis. A memória reproduz, com extraordinária precisão, cenas e pormenores que, em estado de vigília, estão completamente esquecidos ou jamais fixados.

5. XENOGLOSSIA

Xenoglossia é a faculdade que o inconsciente possui de falar línguas. Nosso inconsciente é a maior escola de línguas. Em xenoglossia prescindimos da fraude. Por uma simples fraude pode-se atrair a atenção, durante anos, de muitos sábios, como de fato existiram casos concretos.

Prescindimos, também, na xenoglossia impropriamente dita, da invenção de línguas, línguas perfeitas, línguas que podem parecer de Marte, de Júpiter, de outros planetas ou de "Ganimedes", com gramática, fonética, sintaxe etc. Isto pertence ao talento do inconsciente.

Em geral, a xenoglossia é não-inteligente, como um gravador magnético. Citemos um caso só, dentre muitos. Na Califórnia, uma menina recebeu um golpe na cabeça e, pelo efeito do golpe, começou a falar chinês. Perguntaram-lhe quais as flores da Califórnia que mais lhe agradavam, ao que ela respondeu que eram dois lençóis, quatro lenços, três camisas. Comprovou-se que esta menina havia captado inconscientemente o rol de roupas para lavar. Quem lavava a roupa da casa era um chinês. A menina, conscientemente, não aprendera nada, mas o golpe na cabeça lhe abrira a porta de passagem do inconsciente para o consciente e, assim, falava perfeitamente as frases ou palavras chinesas que inconscientemente aprendera. Mas, junto com os nomes das peças de roupa, captara outras frases que não designavam flores da Califórnia propriamente ditas...

Faculdades do inconsciente, combinadas, dão lugar à xenoglossia inteligente. A Srta. Iris, de 16 anos, de Budapeste, "morria" em agosto de 1833. Poucos momentos depois da "morte", não obstante, começava a respirar novamente, recuperava os sentidos e terminava por ficar curada por completo. Porém, agora dizia que era Lucía Altares de Salvo, espanhola, que acabava de morrer em Madrid, rua Oscuro, nº 1, que tinha 40 anos e era mãe de catorze filhos...

Iris (ou Lucía) começou a falar perfeitamente o espanhol sempre e em todas as partes. Entretanto, antes da sua "morte", Iris não falava absolutamente nada de espanhol, como testemunharam todos os seus parentes, professores e companheiras de colégio.

Investigações rigorosas, dirigidas pelo Prof. Rothy, presidente do Comitê Nacional e do Conselho Internacional de Investigações Parapsicológicas de Budapeste, comprovaram que o fenômeno se devia exclusivamente a uma aprendizagem totalmente inconsciente da língua espanhola, sobretudo a partir da convivência, quando ainda bem criança, com uma empregada espanhola.

Manifestações semelhantes são relativamente freqüentes. Nossos inconscientes retêm, e muitas vezes podem manifestar, grande número de línguas, especialmente em países de imigração.

6. TALENTO DO INCONSCIENTE

Nosso inconsciente, com os inúmeros dados que vai recebendo através das diversas faculdades normais ou parapsicológicas e arquivando pela memória do inconsciente, é capaz de elucubrações fantásticas. Tem-se feito enquetes internacionais dos diversos pontos de vista. Langmuir estudou os maiores cientistas da humanidade. Devem a maior parte de

suas descobertas ao talento do inconsciente. Ou eram intuições, ou as sonhavam... E depois necessitavam de muito tempo para demonstrá-las. Os maiores filósofos da humanidade, como Espinosa, Kepler, Pascal etc., reconheceram que suas principais questões filosóficas se lhes ocorreram ou as haviam intuído por um processo que, conscientemente, não deve nada ao raciocínio. Fehr fez uma enquete sobre os grandes inventores e chegou à conclusão de que entre 75% e 100% dos achados dos grandes inventores foram sonhados ou intuídos, sem raciocínio consciente.

REALIZAÇÕES INTELIGENTES DO INCONSCIENTE

Vejamos um exemplo concreto: Banting, o célebre médico canadense, sonhando um dia, levantou-se sonâmbulo e escreveu as seguintes palavras textuais:

"Ligar o conduto principal do pâncreas de um cão de laboratório. Esperar algumas semanas até que a glândula se atrofie. Cortar, lavar e filtrar a secreção".

No dia seguinte não se recordava de nada daquilo que, sonâmbulo, escrevera. Fez a experiência, porém, e foi assim que a humanidade obteve o isolamento da insulina em quantidade útil.

Egidi fez a mesma pesquisa com os grandes artistas, pintores, músicos, poetas da humanidade. Chegou à mesma conclusão, às vezes pelas próprias expressões dos artistas, outras vezes por um estudo biográfico. Assim, por exemplo, Beethoven acreditava que tinha dentro da cabeça uma orquestra infernal. Ouvia uma composição musical de dentro para fora e de nada mais precisava para transcrevê-la para as pautas.

Coleridge disse que escrevera o seu *Kubla Khan*, digno do prêmio Nobel de literatura, do começo ao fim, dormindo.

La Fontaine e Condillac disseram de si mesmos que escreveram trabalhos inteiros inconscientemente. Trabalhos que atraíram a atenção de todo o mundo...

MÉDIUNS OU "POSSUÍDOS" PELO INCONSCIENTE

O fenômeno tem sido observado em todas as épocas, em todos os povos. Assim, por exemplo, já na época greco-romana, Diógenes Laércio estudou o caso de uma pessoa que automática e inconscientemente escrevera livros completos de filosofia estóica.

Platão e Xenofonte compreenderam que aquele gênio que Sócrates acreditava ouvir não era um gênio, mas o próprio talento do seu inconsciente.

Porém, a mentalidade simplista do povo nunca caiu na conta do valor do inconsciente e por isso inventou as musas da pintura, da poesia, da retórica, da música etc., uma espécie de deusas que inspiravam os artistas, os grandes inventores e gênios. Desconhecia o inconsciente. E até hoje, todavia, permanecem as palavras "musa" e "inspiração". Diz-se com freqüência: "Hoje não estou inspirado". Inspirado por quem? Pelo próprio inconsciente. E, posteriormente, as musas foram substituídas por demônios, espíritos dos mortos...

Até agora vínhamos tratando de manifestações do talento do inconsciente nos sábios. Recebemos muitíssimos dados por via consciente. Não é de estranhar, tanto que, quando se abre a porta de passagem do inconsciente para o consciente, sucedem fenômenos realmente maravilhosos nos homens eruditos. O fenômeno é mais admirável quando o talento do inconsciente se manifesta em pessoas incultas e analfabetas.

O inconsciente dos analfabetos possui muitas vias de acesso, muitas faculdades de adivinhação e de captação de dados.

Elaborando esses dados, o inconsciente pode chegar a manifestações e elucubrações maravilhosas. Isto sucede em pessoas "psíquicas", como são chamadas as que mais apresentam fenômenos parapsicológicos.

Partindo unicamente dos dados recebidos por vias conscientes, dados que o consciente esqueceu por completo ou em parte, porém não o inconsciente, os analfabetos e as pessoas incultas podem tornar manifesto um inconsciente maravilhoso. Estudamos agora somente o talento do inconsciente em pessoas incultas a partir dos elementos colhidos por vias normais.

UMA VIAGEM A MARTE

Em uma sessão de espiritismo, a Srta. Müller, que o investigador Flournoy apresentou com o pseudônimo de Helena Smith, ofereceu uma prosopopéia em ambiente espírita, uma dramatização, como se houvesse feito uma viagem a Marte, e disse que trouxera de lá a língua marciana.

Flournoy recolheu 41 textos marcianos e os publicou com a tradução ao lado. Não se conhece nenhum cientista, nem da Europa, nem da América, que percebesse que não se tratava de uma língua realmente extraterrena e sim da elaboração inconsciente desta língua, feita a partir do francês, única língua que Helena Smith conhecia por vias conscientes. Era uma língua perfeita, tinha gramática, sintaxe, prosódia, fonética, estilo especial, combinação especial de caracteres, dicionário completo. Enfim, parecia uma língua perfeita.

O MISTÉRIO É DESVENDADO

Os investigadores que haviam acompanhado o caso desde o início foram observando que se tratava única e exclusi-

vamente de uma cópia do francês. O chamado marciano era, no princípio, um pseudomarciano, um quebra-cabeça desordenado, uma pueril imitação do francês. Porém, seis meses mais tarde já se havia desenvolvido suficientemente a abertura do inconsciente, do talento do inconsciente de Helena Smith, e apresentou uma língua mais aperfeiçoada que aquela que acabamos de mencionar.

Tinha sintaxe, porém era a sintaxe francesa ao pé da letra. Por exemplo, a ordem marciana da construção das frases e a ordem francesa era exatamente a mesma, até nos mínimos detalhes. Detalhes característicos da sintaxe francesa, como separar o "ne" do "pas", na negação, ou colocar a consoante "t" entre o verbo e o pronome (exemplo: "quand viendra-t-il?"), se observavam igualmente no marciano, que também separava as duas partes das conjunções negativas e interpunha a consoante "m" entre o verbo e o pronome.

A distribuição das consoantes e das vogais era exatamente a mesma. Onde no francês se coloca, por exemplo, o som "t", no marciano aparecia "m"; onde no francês se coloca o som "s", no marciano aparecia "r", mas a mesma distribuição entre vogais e consoantes, o mesmo número de sílabas em cada palavra e idêntico número de letras em cada sílaba.

Por conseguinte, trata-se, sem dúvida, de uma imitação do francês. Porém, tudo foi construído de memória, sem tomada de notas. Uma língua perfeita, inventada por uma pessoa inculta, em seis meses, enganando a todos os sábios alheios à Parapsicologia.

AS MARAVILHAS DO "TREINAMENTO"

Depois de seis meses neste entretenimento, Flournoy deu algumas sugestões, criticou a língua marciana, para ver até onde podia chegar o talento do inconsciente de Helena Smith.

Atacou o som "ch", a sintaxe, a construção das frases etc., que eram tiradas evidentemente do francês. E, em uma nova "viagem interplanetária", surge uma língua completamente diferente, nova, com uma construção distinta do francês, sem nenhum "ch" nem outro aspecto dos que haviam sido criticados. E isto ocorreu em apenas 17 dias. Importa já um talento do inconsciente mais desenvolvido em suas manifestações.

Fazem-se novas sugestões para viajar a outros planetas e Helena vai a Saturno, à Lua, a Plutão, a Mercúrio, a todos os planetas do nosso Sistema Solar e vai trazendo as línguas daqueles planetas. Línguas totalmente perfeitas, completas, diferentes entre si, com sintaxe, gramática, fonética, dicionário completo etc.

Chegava a inventar estas línguas no curto espaço de um dia. Faziam-se sugestões para que ela fosse com a imaginação a outros planetas e, no dia seguinte, vinha com a língua completa, mas de acordo com as sugestões de contraprova que os parapsicólogos faziam. Significa realmente um talento maravilhoso inventar em um dia uma língua completa, perfeita. E tenhamos em conta que, neste primeiro ano de treinamento de Helena Smith, elaborava somente línguas a partir dos elementos que havia captado, por vias conscientes, do francês e das outras línguas com as quais modificara o francês. Poderá se compreender que o talento do inconsciente de Helena Smith chegará a termos realmente monstruosos quando não somente elaborar a partir dos dados recebidos conscientemente, mas começar a manifestar o talento do inconsciente a partir dos dados captados por HIP, por telepatia, por conhecimento do futuro etc., que neste primeiro ano de desenvolvimento ainda não manifesta. Porém depois, com três ou cinco anos de exercício, terá quase todas as faculdades parapsicológicas de conhecimento. Compreender-se-á que chegue a ter elaborações realmente fantásticas.

Se deparássemos, de repente, com um caso destes, de uma língua inteira, completa, perfeita, inventada em um dia, facilmente nos deixaríamos levar à superstição, à interpretação apriorística de que o fenômeno se devesse aos demônios ou aos espíritos dos mortos, quando na realidade é exclusivamente talento do inconsciente dos vivos. Deixemos, pois, a investigação parapsicológica aos especialistas: primeiramente estudaremos a teoria, só depois poderemos investigar.

O talento do inconsciente se manifesta com freqüência especialmente na aritmética ou em campo equivalente, onde a explicação é mais compreensível (ritmo e cálculo são relações fixas). Manifesta-se em analfabetos e em crianças. Porém, também os grandes inventores, pensadores, cientistas e artistas devem ao inconsciente as melhores de suas realizações. As pesquisas neste campo têm sido particularmente exaustivas. Recentemente nos EUA, grupos de parapsicólogos profissionais se dedicaram com exclusividade ao estudo do talento do inconsciente, como a fundação Menninger, a partir de 1961, especializada em "criatividade e parapsicologia", fundação mantida pelo fundo Itleson.

Ernesto Biondi resumiu admiravelmente, dizendo que os grandes talentos da humanidade eram "médiuns possuídos pelo seu próprio inconsciente".

Fenômenos extranormais de efeitos físicos

Entre os fenômenos parapsicológicos que se chamaram "extranormais", temos aludido aos principais fenômenos de *conhecimento,* que explicamos mais amplamente no livro *A face oculta da mente*. Porém, existem outros fenômenos extranormais de *efeitos físicos*: ruídos ou movimentações de objetos a curta distância, como nas chamadas "casas mal-

assombradas", contatos ou ventos frias em locais completamente fechados, formas amorfas ou mais ou menos definidas de mãos ou outros objetos que surgem "misteriosamente", impressões em fotografias ou em substâncias moles, levitações do corpo humano, luzes e globos luminosos... Tudo isso vamos resumir nas páginas que seguem e constituem a matéria do nosso livro, em dois volumes, *As forças físicas da mente*.

7. TELERGIA

Myers propôs a palavra "telergia" (*tele* = longe; *ergon* = ação, trabalho). Designava a excitação que devem receber os centros motores e sensoriais da pessoa, de modo mais ou menos direto (que poderíamos chamar telérgico); dando assim um sentido mais preciso à palavra que propusera anteriormente, como correlativa à palavra telepatia.

Há, no entanto, muita discussão quando se trata de determinar exatamente o tipo de energia que se libera nos fenômenos telérgicos. Entretanto, é possível encontrar um denominador comum. Muitos investigadores antigos se inclinam a definir a telergia como uma força análoga, porém não idêntica, à eletricidade ou ao magnetismo. Esta teoria se manteve entre muitos investigadores modernos.

ANALOGIA

Examinando a diferença entre a telergia e o magnetismo ou a eletricidade, porém, ao mesmo tempo, comprovando as analogias apresentadas algumas vezes, alguns pesquisadores elaboram a teoria da "bioeletricidade".

A natureza da telergia é uma espécie de eletricidade que não se submete, contudo, às leis físicas comuns que gover-

nam a eletricidade. Pelo contrário, apresenta as características peculiares da vida: os efeitos dessa "eletricidade" especial dependem da vontade inconsciente dos dotados. Não eletricidade, mas bioeletricidade. A telergia (ou energia biótica, como é chamada nesta teoria) produziria seus efeitos de modo análogo à eletricidade estática, como se o corpo do dotado estivesse carregado de alta tensão. Em torno do corpo do dotado se formaria um campo eletromagnético especial.

Segundo nosso ponto de vista, a telergia está constituída de forças complexas. Estas forças variam conforme as circunstâncias. O melhor, o que será aceito por todos os investigadores que estudaram a questão a fundo, é simplesmente dizer que a telergia é uma exteriorização, é uma transformação das energias fisiológicas, podendo ser, às vezes, uma espécie de energia, outras vezes uma diferente, ou diferentes espécies das variadas forças (ou nomenclaturas) que podem ser determinadas em nosso organismo: elétricas, magnéticas, caloríficas, musculares, nervosas, vitais, motoras, plásticas etc.

Portanto, os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, extranormais, sejam quais forem, não seriam mais que exteriorizações e transformações da energia do organismo do dotado: a essa energia fisiológica, exteriorizada e transformada para realizar fenômenos parapsicológicos, damos o nome de telergia.

A TELERGIA MATERIAL

A telergia, como se deduz do que foi exposto até agora, é algo material; sua sutileza, contudo, pode ser, em determinadas circunstâncias, muito notável.

Assim, por exemplo, o doutor russo Younevitch comprovou que a telergia (ou raios Y) emanada de certos dotados,

atravessava chapas metálicas com um poder de penetração superior ao dos raios X e ao dos raios gama do rádio. A telergia atravessava até chapas de chumbo de três centímetros de espessura, colocadas a um metro de distância do dotado em transe. Chapas espessas a uma distância notavelmente maior não eram atravessadas. Com a interposição destas chapas, os efeitos do raio Y diminuíam.

Isto nos mostra que a telergia possui uma grande penetração, e também que é material, dado que se lhe pode opor obstáculos materiais.

8. FOTOGÊNESE

Faz parte da antiga filosofia esotérica crer que todas as pessoas estão como que revestidas por uma espécie de aura dourada ou por globos de luz de diversas configurações e cores.

Os "fogos fátuos" deram origem a muitas superstições e lendas. Aparecem, às vezes, nos pântanos, nos cemitérios, nos depósitos de excrementos de animais ou em qualquer lugar onde houver animais ou plantas em putrefação.

Nos pântanos é, preferentemente, o hidrogênio protocarbônico (metano) que arde numa chama azulada pouco brilhante, porém, nitidamente visível na escuridão. Nos cemitérios é o hidrogênio fosforado, que se inflama facilmente em contato com o ar.

Estes "fogos fátuos", quando movidos por uma ligeira brisa ou atraídos por pessoas que passam perto, tornam-se horripilantes para a imaginação popular, que os designa com muitíssimos nomes, cada qual mais supersticioso: candeeiro dos mortos, fogos dos Elgos (gênios ou espíritos do ar, da mitologia escandinava), lanterna do monge, almas penadas etc.

Os chamados "fogos de Santelmo" também provocaram pânico e lendas na imaginação popular. Podem ser vistos, às vezes, sobre os mastros dos barcos, sobre as torres das igrejas, inclusive sobre as copas das árvores, em dias de tempestade. Em torno das pontas dos pára-raios se têm visto estes fogos algumas vezes em forma de feixes faiscantes.

São devidos, como se sabe, à acumulação da eletricidade ambiental. Certos tipos de roupas, sobretudo as de *nylon,* acumulam eletricidade estática em alguma quantidade. Na escuridão, vê-se uma chuva de faíscas, por exemplo, quando se tira a roupa. Às vezes, estas roupas permanecem tesas ou se movem, parecendo um "fantasma", ainda quando estão penduradas no guarda-roupa, por efeitos de pequenas descargas elétricas.

Muitas pessoas observaram também, em certas noites, as fagulhas que se desprendem ao acariciar um gato.

Pessoas que emitem faíscas

Finalmente, à margem das observações e experiências dos parapsicólogos, conhecem-se alguns casos espontâneos de fotogênese verdadeiramente admiráveis.

Certas pessoas especiais se cobrem de claridades elétricas ou produzem faíscas. Trata-se de pessoas especiais em um estado neurofisiológico peculiar, isto é, pertencem ao enorme número de pessoas chamadas "dotados parapsicológicos".

Uma senhora enferma no Sanatório do Arco (Trento, Itália) emitia faíscas quando sua pele era muito friccionada, especialmente em tempo chuvoso.

Existem casos muito mais notáveis com dotados em grau superior, geralmente cujo estado orgânico se alterou profundamente.

A senhora Monaro, tuberculosa no Hospital de Pirano (Pola, Itália), desprendia da região toráxica uma luz vivíssima, semelhante à da lâmpada de magnésio, que durava três ou quatro segundos. A uma distância de quase meio metro, a descarga elétrica emitida iluminava um tubo de Geisler. Tudo isso foi observado pelos médicos do hospital, que testemunharam esta notável fotogênese.

PROCURANDO A CAUSA

Não nos interessa discutir se estes fenômenos espontâneos que acabamos de citar são devidos exclusivamente à eletricidade estática do ambiente, acumulada no organismo, ou se é a eletricidade interna destas pessoas, ou ambas, ou uma transformação de qualquer tipo de energia do organismo ou do exterior dele. O certo é que o fenômeno só se manifesta em grau digno de nota em pessoas especiais, com características neurofisiológicas ou psíquicas peculiares. Incluímos esta força, como já explicamos, no âmbito da telergia.

Não negamos a possibilidade, nem sequer o fato, de que, em algumas ocasiões, a luminosidade se deva ao fósforo ou ao enxofre existentes no organismo, manifestado especialmente em pessoas e circunstâncias parapsicológicas. Toda a fotogênese, porém, não se explica assim.

Sendo a fotogênese simplesmente um aspecto sob o qual se apresenta a telergia, é evidente que muitos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, dado que são concretizados pela telergia, venham acompanhados de fotogênese. René Sudre, por exemplo, resume: "Ordinariamente, nas sessões de ectoplasmia, se observam nebulosidades mais ou menos móveis e luminosas... Enfim, todos os teleplastas (dotados para efeitos físicos) produzem luminosidades muito brilhantes e móveis, cuja intensidade varia".

9. TIPTOLOGIA

Entre os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, são muito freqüentes os choques, golpes, percussões etc. A nomenclatura e os sinônimos são incontáveis. Trata-se de ruídos de todos os tipos, produzidos nas mais diversas modalidades.

Intitulamos este capítulo "tiptologia" (do grego *typto* = tocar, ferir, golpear; *logos* = tratado), nome muito empregado pelos especialistas para designar o estudo dos "raps", plural da palavra inglesa *rap* (golpe, choque, que na forma verbal significa *golpear repetidamente*).

Origem do espiritismo

O moderno espiritismo nasceu precisamente com um caso de tiptologia fraudulenta.

Em 2 de dezembro de 1847, o pastor metodista John D. Fox, com sua esposa e suas filhas pequenas, mudava-se para uma casa conhecida pelo nome de Hydesville, no bairro de Arcadia do condado de Wayne, Nova York. Poucos dias depois, a mãe, chamada Margaret, começou a ouvir ruídos que considerou um tanto estranhos, apesar de procederem do quarto das meninas e precisamente quando elas deviam estar acordadas. As meninas foram se exercitando durante bastante tempo na produção dos "barulhos estranhos", de modo que estes ruídos, inicialmente leves, eram dois meses mais tarde, em fevereiro de 1848, perfeitos golpes secos, idênticos aos "raps" conhecidos hoje.

No dia 31 de março de 1848, realizava-se a "primeira sessão de espiritismo". A menina Margaret tinha naquela data oito anos e meio, e Cathy, sete.

Naquela noite, diante da mãe, a menor das irmãs, Cathy, disse à Margaret: "Faz como eu". E golpeando com os dedos da mão, ou batendo palmas, dizia: "Conta um, dois, três". Imediatamente soaram, sem que a mãe pudesse precisar de onde, um, dois, três golpes. As meninas estavam apoiadas na cama de madeira.

A mãe, assustada, apesar da plena tranqüilidade e do riso das meninas, quis prová-las e disse aos ruídos que lhe dissessem a idade de suas filhas menores: ouviram-se, em seguida, oito "raps"; depois de uma pequena pausa, soaram outros sete "raps"; e se ouviram mais três, que correspondiam à idade da filhinha que falecera.

A mãe ficou completamente desconcertada e, sendo supersticiosa, perguntou em seguida: "É algum ser vivo que responde tão corretamente às minhas perguntas? Em caso afirmativo, dê dois golpes". Não houve resposta.

Perguntou então, e este é o momento exato do começo do espiritismo: "É uma alma?". Imediatamente se ouviram dois golpes secos e claros.

— "É uma alma do inferno?"

Dois golpes.

Com o mesmo sistema, depois de obtida a autorização da alma penada para que viessem os vizinhos, continuou a sessão de espiritismo.

RETRATAÇÃO DAS IRMÃS FOX

Contudo, em 1888, as irmãs Fox, ambas já viúvas, cansadas e cheias de remorsos, retrataram-se publicamente. Margaret preparou a retratação mediante uma entrevista feita num grande jornal de Nova York.

Depois das entrevistas nos jornais veio a retratação e demonstração públicas, ao vivo, no grande palco da Academia de Música de Nova York, na noite de 21 de outubro de 1888.

O texto da retratação se conserva publicado no livro de Davenport, recebido das próprias irmãs Fox, que também deram autorização escrita para a publicação de todo o caso.

Sobre a demonstração de como produziram os "raps", um grande matutino nova-iorquino comentava no dia seguinte:

"Foi colocado diante delas um banco de madeira ou mesinha de pés curtos, com as propriedades de uma caixa de ressonância. Tirando o sapato, a senhora Fox-Kane colocou o pé direito sobre a mesinha. Toda a platéia conteve a respiração e foi recompensada por uma série de "raps" secos e fortes, aqueles mesmos sons misteriosos que durante mais de quarenta anos assustaram e desconcertaram milhares de pessoas neste país e na Europa. Uma comissão composta por três médicos, escolhidos dentre o público, subiu ao palco e depois de examinar o pé da Sra. Fox-Kane, enquanto golpeava os "raps", concordou, sem duvidar, que os ruídos eram produzidos pela ação da primeira articulação do dedo polegar do pé".

Porém, as irmãs Fox faziam fraudes não somente com o dedo do pé. Muitos anos antes da retratação, em fevereiro de 1851, uma comissão de médicos de Buffalo comprovava que elas também produziam "raps" com as articulações dos joelhos e dos tornozelos.

Dedos psicoativos

Já vimos que a telergia é, em alguns pontos, análoga à eletricidade ou ao magnetismo. A telergia, sob a direção da vontade inconsciente, atua analogamente à eletricidade ou

ao magnetismo na estrutura interna da madeira e dá origem a certos tipos de "raps". Sob a ação da telergia, mesas e outros objetos de madeira tornam-se como que carregados de magnetismo ou eletricidade.

Um caso recente e bem controlado é de Prince com Stella: uma mesa de um metro, cujas tábuas estavam todas ensambladas e solidamente unidas, quebrou-se em pequenos pedaços, em meio a ruídos violentos, assim que as pessoas apoiaram nela, de leve, os dedos. Um dos assistentes declarou que sentia a força correr sobre a mesa e acumular-se nos pontos onde se dava a fratura. Prince escreve: "Minha impressão pessoal foi que uma sucessão de descargas de raio houvesse partido a mesa. Foi uma sensação extraordinária sentir uma forte construção de madeira fender-se desse modo. Parecia que a mesa se dissolvia sob as nossas mãos".

O "SÁBIO" MUDO

Além de serem poucos, relativamente, os casos de tiptologia inteligente, a inteligência manifestada é muito escassa. Em todo caso, não supera a inteligência do dotado e não possui nenhuma dessas grandes qualidades, próprias do talento do inconsciente. Isso mostra que as grandes faculdades de conhecimento inconsciente, Psi-Gamma, HIP etc., encontram dificuldade em manifestar-se por tiptologia. A tiptologia, diríamos, não pode ser incluída entre as boas técnicas de manifestação dos conhecimentos inconscientes, como radiestesia, psicografia ou escrita automática, movimentos de mesas ou de vasos etc., por contato, e tantas outras boas técnicas parapsicológicas ("mancias" ou "pragmáticas").

Em outros fenômenos, por exemplo, na fotogênese, nota-se com facilidade e freqüência a vinculação com o dota-

do. Quem aparece iluminado é o próprio dotado. Na tiptologia, porém, ouvem-se "raps" mais freqüentemente sobre os objetos externos. Aparentam ser independentes do dotado. Na realidade, procedem dele. São causados por sua telergia, ou pela dos assistentes, condensadas nele; dirigidas por psicobulia do dotado etc.

10. TELECINESIA

A ação parapsicológica sobre objetos distantes, comandados, às vezes, até pela vontade consciente, porém geralmente pelo inconsciente, é um fenômeno que, desde a mais remota antigüidade e em todos os povos, se atribui a certos dotados.

Os investigadores que abandonaram ou não quiseram entrar por estes temas da Parapsicologia, simplesmente porque há muita fraude, deram poucas provas de espírito científico. Não investigar porque é muito difícil é, manifestamente, uma atitude cômoda, porém pouco científica. Menos científica ainda é a atitude daqueles que, não satisfeitos com as condições de experimentação ou observação, em alguns casos particulares, não querem aceitar ou desprezam este tipo de observação. Se as condições não os satisfazem, que procurem outras melhores, como fizeram alguns parapsicólogos modernos, e que determinem melhor como se deve investigar.

Objetou-se muito contra os metapsíquicos o fato de ter havido muitas fraudes entre eles, como sendo dado anticientífico. Esquece-se, porém, que foram eles que descobriram as fraudes, os primeiros que souberam distinguir entre fraude e fenômenos reais e os primeiros a demonstrar que os fenômenos, fraudulentos ou reais, eram devidos ao inconsciente humano, coisa que durante séculos e séculos vinha sendo

atribuído a gnomos ou fadas, pitões ou demônios, ou, pouco antes do início da metapsíquica, aos espíritos dos mortos.

Acima dizíamos que algumas das fraudes alegadas são discutíveis. Nem sempre permanece claro que determinados fenômenos sejam fraudulentos.

INUMERÁVEIS MANIFESTAÇÕES

As telecinesias são inumeráveis e variadíssimas: mesas e cadeiras que se movem e se elevam no ar, móveis são arrastados; uma campainha, um tamborim, um bandolim, uma trombeta, um violão etc., se transladam tocando e revoluteiam pelo ar, sobre a cabeça dos espectadores. Soam simultaneamente as notas altas e baixas de um piano, vendo-se o movimento, enquanto o pano que cobre as teclas cai ao chão. A manivela de uma vitrola gira, ouvindo-se a música, ao mesmo tempo que o aparelho se revolve pela mesa, com precisão rítmica maravilhosa. Apesar da obscuridade, jarras e vasos com água vêm até os lábios da médium e dos controladores. Aparelhos variados para medir movimentos ou pressões, colocados longe do alcance do médium, fazem registros diretos. Apesar das fraudes, todos os investigadores, os mesmos que as descobriam tantas vezes, aceitaram a realidade da telecinesia. E tenha-se em conta que muitos deles organizaram centenas de sessões experimentais, ano após ano, em suas próprias casas ou em laboratório, modificando as condições de investigação inúmeras vezes para enfrentar todas as dúvidas.

As telecinesias à plena luz são mais escassas, inclusive entre os casos espontâneos, geralmente mais vistosos. Porém, recolhendo fatos de uns e de outros lugares, poderíamos fazer coleções volumosas. Não faltam casos espontâneos, ob-

servados, inclusive, por peritos na pesquisa parapsicológica ou metapsíquica.

A MENINA ENCANTADA

Em 1926, o grande especialista Harry Price, entre outros, estudou conscienciosamente o caso da famosa menina Eleonora Zugun, chamada na Alemanha de menina "poltergeist", ou como diríamos em português, "menina encantada".

Ainda que viva e inteligente, psicologicamente era retardada, procedendo aos treze anos como procederia uma menina de oito. Com freqüência, apareciam estigmas "macabros" em seu peito, nos braços e nas pernas, como também inchaços no rosto que desapareciam com rapidez. Apresentava vários fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos. As telecinesias eram o principal fenômeno desta menina.

A condessa Vassilko-Serechki, sua protetora, contou 1050 movimentos de objetos em três meses; 67 telecinesias em um só dia.

"O local estava inundado de luz. A condessa e a menina estavam sentadas uma ao lado da outra sendo atentamente observadas por Price. Esperavam alguma telecinesia. Com efeito, um largo corta-papéis de aço, que estava atrás de Price, levanta-se no ar, passa perto da cabeça do investigador, atravessa o quarto e choca-se contra a porta. Mais ou menos meia hora mais tarde, estando as duas sentadas num divã, num canto do quarto, um pequeno espelho de mão levanta vôo e se projeta contra a parede que ocultava o leito. Pouco depois, Eleonora Zugun escrevia num papel. A uns dois metros dela havia, sobre uma cadeira, uma grande almofada quadrada. Sob o olhar vigilante de Price, a almofada lentamente, muito lentamente, começou a deslizar da cadeira para o chão."

Não é preciso relembrar que o nome "telecinesia" não corresponde estritamente à realidade. Não se trata de movimento (*kínesis*) efetuado ao longe (*tele*), mas, na realidade, de um movimento efetuado pelo contato da telergia. Este contato, contudo, é um contato parapsicológico. A etimologia se refere à ausência de um contato normal. Somente neste sentido a telecinesia é uma ação à distância.

PSICOBULIA

A telecinesia, como todos os fenômenos parapsicológicos, além do aspecto meramente físico ou de movimentação de objetos pela telergia, tem outro aspecto psíquico: o fenômeno é dirigido pela mente, pelo psiquismo, que deixa no fenômeno sinais de sua inteligência, vontade e demais qualidades.

A este conjunto de qualidades psíquicas do dotado, geralmente inconscientes, que acompanham, ou melhor, que dirigem os fenômenos parapsicológicos, chamamos psicobulia (*psiché* = alma; *bulé* = vontade e reflexão).

11. ECTOPLASMIA

Conhecemos a telergia, que poderíamos descrever como uma força psicofísica exteriorizada. Algumas vezes esta força está condensada, como já vimos, apresentando-se até visivelmente. Uma força condensada, dirigida pela psicobulia e dependente dela, teoricamente poderia ser modelada. Ao menos a telergia visível possui diversas formas...

A exteriorização desta substância, a sua formação externa, mais ou menos modelada ou modelável, recebe o nome de "ectoplasmia" ou, em concreto, ectoplasma, que deriva do grego *ectós* = fora e *plasma* = coisa formada ou modelada. O termo

foi criado por Richet: "Inicialmente uma massa confusa, mais ou menos informe... São estas formações difusas que eu chamo ectoplasmas, porque parecem sair do corpo... Às vezes, vêem-se estes ectoplasmas organizando-se pouco a pouco..." Ectoplasmia designa o fenômeno. Ectoplasma, a substância.

Analogia com o mundo animal

Podemos analogar (somente analogar) a ectoplasmia com o mundo animal. Assim, por exemplo, algumas aves de rapina da família das catártidas (como a catarta negra da Venezuela), durante a digestão, expelem pelas narinas um líquido viscoso, branquicento, que se parece com o ectoplasma. Do mesmo modo há analogia com as propagações protoplasmáticas das amebas.

O ectoplasma deve ser considerado um fenômeno de condensação da telergia no sentido amplo em que a levamos em conta.

Num primeiro estado de condensação, a telergia não passa de um fluido ou de uma pequeníssima radiação humana, porém sendo sempre um verdadeiro fenômeno metafisiológico. Em tal estado inicial de condensação, somente é perceptível mediante técnicas e aparelhos delicadíssimos, sendo capaz de realizar somente pouquíssimos trabalhos.

Qualidade externa: força

O ectoplasma pode manifestar considerável força, como aliás se deduz de alguns efeitos, já estudados, de telecinesia. Nas experiências do Dr. Crawford, entre outras comprovou-se que as telecinesias se realizavam por meio do ectoplasma em forma de alavanca.

Crawford provou que a força e agilidade desta alavanca ectoplasmática é muito grande. Vejamos uma descrição como exemplo:

"Ultimamente, grande número de pessoas assistiram a estes fenômenos e não houve ninguém que não ficasse bastante impressionado. O visitante usual é convidado habitualmente a entrar no círculo, a segurar a mesa quando ela está imóvel e a tentar mantê-la imóvel. Começa então a luta. Se o visitante possui músculos fortes e concentra o seu peso exatamente no meio da mesa, poderá consegui-lo por um momento. Porém, antes ou depois, a mesa lhe escapa, salta, se inclina, gira, e se a pressão muscular diminui, a mesa se levanta pelo ar. Então poucas pessoas conseguem fazê-la baixar, apesar dos esforços empregados. Depois desta luta, a mesa volta tranqüilamente ao chão e o visitante é convidado a sentar-se sobre ela. Não tarda muito tempo e, ao cabo de um momento, a mesa se levanta sobre dois pés e o faz resvalar para o chão".

Ou ao contrário: "O peso da mesa pode ser aumentado a tal ponto (pela pressão do ectoplasma) que um homem vigoroso não pode erguê-la... Uma prova usual, imposta aos visitantes, é fazer-lhes sujeitar a mesa enquanto ela se encontra suspensa a uma altura aproximada de 50 centímetros, a fim de impedir que volte ao solo. Não o conseguirão".

Este tipo de ectoplasma é geralmente invisível. E quando se faz visível e fotografável, apresenta uma estrutura mais ou menos nebulosa, transparente etc.

ESTRUTURA INTERNA

Sobre a análise interna da substância, todas as tentativas sérias fracassaram. Tal análise parece ser até contraditória, porque isto implicaria conservar um pouco de ecto-

plasma para o laboratório. Porém, o ectoplasma sempre é reabsorvido pelo organismo do dotado. Todas as vezes que se pretendeu agarrá-lo, desvaneceu-se entre as mãos (exceto, é claro, nos casos de fraude, em que se agarrou seda etc.). Dissipou-se entre os dedos de Crookes, volatilizou-se na mão de Bisson etc.

Em segundo lugar, o ectoplasma, a julgar por suas variadíssimas funções e segundo o parecer de todos os especialistas, é energia transformada e não propriamente um composto químico.

12. ECTO-COLO-PLASMIA

O ectoplasma, como "argila psíquica", teoricamente ao menos, poderia ser maleado para representar diversas figuras. Conforme fossem os tipos de reproduções, o fenômeno seria classificado com diversos nomes.

Os nomes em uso ou, em outros casos, os que melhor indicariam os diversos tipos de modelagem do ectoplasma, seriam: ecto-colo-plasmia, transfiguração, fantasmogênese e materialização. Vamos distingui-los bem:

Ecto-colo-plasmia: é o ectoplasma modelado em forma de membros ou partes de pessoas, animais ou objetos. No conceito de ecto-colo-plasmia, depois da exposição do fenômeno veremos que se pode incluir certo rudimentarismo na reprodução. A parte ou o membro "modelo" não se reproduz inteira e perfeitamente (defenderemos que tal fenômeno perfeito não existe).

O membro ou parte dele é reproduzido rudimentar e imperfeitamente sem a verdadeira densidade e configuração da realidade que se trata de reproduzir. Uma vez afirmado este rudimentarismo, defenderemos o fenômeno como possível.

Fantasmogênese: consiste na reprodução ectoplasmática completa de um "fantasma" de pessoa, animal ou coisa. O verdadeiro fantasma não é uma aparição meramente subjetiva. O fantasma possui certa consistência material, porém tênue, mais ou menos transparente, com pouquíssimo peso em comparação com o peso do modelo reproduzido. Defenderemos também este fenômeno como possível.

Transfiguração: consiste numa simples modificação do próprio corpo do dotado. Não é uma pessoa nova que é materializada. Seria o próprio dotado revestido de ectoplasma e inclusive corporalmente modificado, representando outra pessoa. Defenderemos este fenômeno como possível.

Materialização: seria a reprodução perfeita de um novo ser. O ser materializado, ao se tratar de um ser vivo, teria todas as principais características do ser vivo: peso, movimento, respiração, calor etc. Nossa posição diante deste tão falado fenômeno é que ele não é real.

Ecto-colo-plasmia é mais um neologismo. Transfiguração, fantasmogênese e materialização são termos já anteriormente usados na Parapsicologia, ainda que com significados nem sempre precisos e idênticos aos que lhes correspondem pela etimologia e pelo uso mais generalizado entre os poucos teóricos que os distinguem.

Formamos a palavra ecto-colo-plasmia incluindo simplesmente na palavra ectoplasmia o termo "colo", do grego *kolon*, que significa "membro de pessoa ou de animal" e, por extensão, "parte de um objeto". Ecto-colo-plasmia, portanto, etimologicamente significa o conceito em vista: a telergia condensada e maleável (plasma) exteriorizada (ecto) para formar um membro ou parte de algum ser (colo).

Como sempre, também na ecto-colo-plasmia a fraude deve ser levada em conta. A fraude, contudo, não deve intimidar a investigação, pelo contrário: o público espera que os

especialistas decidam, antes de mais nada, se tudo é fraude ou não. Abandonar a investigação porque é difícil, dadas as muitas fraudes, é uma atitude comodista e pouco científica.

Caso Bíblico

A Bíblia refere um caso típico de ecto-colo-plasmia: "O rei Baltasar deu uma festa para seus mil nobres... Eis que surgiram defronte do candelabro os dedos de mão humana, escrevendo sobre o revestimento da parede do palácio real. O rei, vendo esta extremidade de mão que escrevia, mudou de cor..." (Dn 5,1.5).

Não entramos em discussão para saber se aqui se trata de uma página histórica ou talvez da reprodução de uma lenda com fins instrutivos. Em todo caso, a passagem nos mostra que naquela época a ecto-colo-plasmia era considerada possível, real e até não rara, uma vez que havia técnicos para a interpretação destes fenômenos: "O rei gritou violentamente para que fizessem vir os magos, os caldeus e os astrólogos" (Dn 5,7).

O fenômeno não é do além

Sendo a ecto-colo-plasmia na realidade um aspecto da ectoplasmia, ela, como a ectoplasmia, depende totalmente do dotado.

Assim como na ectoplasmia, na ecto-colo-plasmia se verificou muitas vezes que o ectoplasma perde peso durante a aparição dos membros, se estes não se mantêm integralmente sobre o próprio dotado, mas se apóiam em algum objeto externo.

Outro fato observado com freqüência e que mostra também que a ecto-colo-plasmia é uma exteriorização, sem perda

de vinculação, da substância do próprio dotado, é o da reação experimentada por este quando se toca ou se fere o membro exteriorizado.

13. FANTASMOGÊNESE

Convém, mais uma vez, precisar o conceito.

Entendemos por fantasmogênese a produção ectoplasmática de um fantasma inteiro, ao menos aparentemente, de pessoa, animal ou objeto.

O verdadeiro fantasma não é uma aparição meramente subjetiva, mas tem certa consistência, material, porém mais ou menos tênue, mais ou menos transparente, com peso reduzidíssimo em comparação com o peso do modelo reproduzido.

OS FANTASMAS SÃO POSSÍVEIS

Já conhecemos a ectoplasmia, a produção do ectoplasma, matéria-prima para modelar as imagens do inconsciente do dotado (ideoplasmia). Com a ectoplasmia e a ideoplasmia se explica a ecto-colo-plasmia. Bem considerado, a fantasmogênese não é um fenômeno essencialmente diferente. Da mesma maneira que se pode plasmar um rosto, um braço etc., pode-se plasmar a imagem mais ou menos completa de um ser, inclusive compreende-se que a imagem mais ou menos inteira de um ser seja pouco densa, tênue, leve, transparente, ainda que só por motivos de economia de ectoplasmia. O que aumenta em tamanho diminui em densidade.

Assim considerada, a fantasmogênese não necessitaria nem sequer de uma demonstração específica: simplesmente

é uma modificação da ecto-colo-plasmia, outro aspecto de ideoplasmia.

Sombra em movimento

William Crookes presenciou algumas fantasmogêneses realizadas pelo mais famoso de todos os dotados, D. D. Home. As qualidades típicas do fantasma (tenuidade, vaporosidade, inacabamento) são muito bem definidas:

"Ao declinar do dia, durante uma sessão do Sr. Home em minha casa, vi agitarem-se as cortinas de uma janela que estava a uns três metros de distância do Sr. Home. Uma espécie de sombra, meio transparente, semelhante a uma forma humana, em pé, foi percebida por todos os assistentes, perto dos postigos da janela. Esta forma agitava as cortinas com a mão e, enquanto nós a olhávamos, ela se desvaneceu e as cortinas deixaram de mover-se".

O fantasma artista

O caso que segue é, entretanto, mais surpreendente. Como no exemplo anterior, o Sr. Home era o médium:

"Uma forma fantasmagórica avançou pela sala, apossou-se de um acordeão e, em seguida, deslizou pelo apartamento tocando o instrumento. Esta forma foi vista durante vários minutos por todas as pessoas presentes e, ao mesmo tempo, via-se também o Sr. Home. O fantasma se aproximou de uma senhora que estava sentada a uma certa distância dos outros assistentes. A mulher deu um pequeno grito e logo a sombra desapareceu".

Como se vê, o fantasma apresenta a forma de sombra, é meio transparente, porém sua densidade é suficiente para

mover cortinas, carregar e tocar um acordeão. A fantasmogênese, como em geral todo fenômeno ectoplasmático (e telérgico), também explica as telecinesias.

CLASSIFICAÇÃO DO FENÔMENO

Pelo que foi visto, é evidente que a fantasmogênese é um fenômeno pertencente àqueles que denominamos extranormais, em contraposição com os paranormais. Os fenômenos extranormais devem-se à energia material, física, como o ectoplasma na fantasmogênese. Os paranormais se explicariam pela atuação de uma energia imaterial, não-física, "diferente de toda energia física conhecida ou concebível".

Sendo a fantasmogênese um fenômeno extranormal, compreende-se perfeitamente que a densidade do fantasma seja inversamente proporcional ao espaço que o separa do organismo que o produz. Num efeito paranormal não teria sentido a influência da distância.

14. TRANSFIGURAÇÃO

A transfiguração consiste na metamorfose do próprio corpo do dotado. Não é uma nova pessoa que se materializa, é o próprio dotado externamente modificado e revestido de ectoplasma, de modo que representa outra pessoa, real ou fictícia. Convém ter presente o conceito de transfiguração para não aplicar a outros fenômenos semelhantes o que vamos dizer sobre ela.

Na transfiguração, o que aparece é o próprio corpo do dotado, em oposição à materialização, que seria uma "nova pessoa", um corpo diferente. A transfiguração e a materialização são freqüentemente confundidas e dão origem às afirmações mais díspares e errôneas.

Em transfiguração, evidentemente, há de existir alguma diferença entre o dotado e a aparição. De outra forma, não poderíamos falar de transfiguração. Não obstante, como tudo indica, a transformação não pode ser total, a aparição conserva muitos traços sob os quais se identifica o próprio dotado.

Katie King, com a médium senhorita Cook, é o caso de aparição mais estudado e mais famoso. Apesar de várias fraudes, a investigação do notável Crookes garantiu a veracidade inegável das "Aparições de Katie King".

Tradicionalmente, o caso de Katie King foi considerado como fenômeno de materialização. Os argumentos apresentados a favor desta interpretação são claramente insustentáveis. Entretanto, são manifestamente válidos para a transfiguração. O próprio Crookes, convencidíssimo da realidade do fato, parece, contudo, ter compreendido que sua interpretação pela materialização não foi válida.

Transfiguração parcial

A transfiguração não necessitaria ser de todo o corpo. Bastaria ser por exemplo, do rosto ou de alguma particularidade dele para produzir, somente com isso, a impressão de que o dotado é outra pessoa.

Um periódico espírita publicava, há muitos anos, uma carta interessante: "A senhorita Crooker (?), médium muito estimada em Chicago... sob a direção do seu espírito-guia (?) começou, há meses, uma série de sessões para o desenvolvimento de uma nova fase da mediunidade. Suas sessões eram circunscritas à sua família. Uma tarde, quando o fogo da lareira projetava uma linda claridade e quando a luz da Lua chegava também ali, ela se transformou: sua fisionomia mudou completamente de tamanho, forma e aspecto. Seu rosto

encheu-se de espessa barba negra. Todos os que se encontravam à mesa viram o mesmo".

"Seu genro (?), sentado perto, quando ela lhe volveu o rosto, disse: 'Oh, mas é meu pai!' Depois ele declarou que a imagem era exatamente a de seu pai, que morrera."

"Pouco depois, a Sra. (?) Crooker (?) se transformou em uma mulher de cabelos brancos. Estas metamorfoses se operavam pouco a pouco, enquanto as testemunhas observavam atentamente a médium... Ela conservava a consciência de si mesma, porém experimentava a sensação viva de pontadas por todo o corpo, exatamente como se segurasse os pólos de uma pilha galvânica."

Mera alucinação? Exageração? Fraude? Não possuímos nenhum dado a respeito dos métodos de observação empregados, nem atas das experiências. Nem sequer foram assistidas por algum observador ou investigador de confiança..., se é que são diferentes das experiências de Crookes com Cook.

Vimos que a ecto-colo-plasmia é possível. Tenhamos, pois, presente que uma transfiguração como a descrita não é mais complicada e difícil que uma ecto-colo-plasmia; é inclusive menos que esta.

ANÁLISE DA TRANSFIGURAÇÃO

O mesmo que dizíamos nos capítulos anteriores temos que repetir a propósito da absorção do ectoplasma transfigurador nos fenômenos de transfiguração. Assim como um verdadeiro ecto-colo-plasma (verdadeiro enquanto diferente de truques ou inclusive de outros fenômenos, como "aporte") não pode ser conservado, porque necessariamente será reabsorvido pelo médium, também não se pode conservar nenhuma parte do ectoplasma transfigurador de uma verdadeira transfiguração.

Por exemplo, a Sra. Ross-Church (Florence Marryat) foi testemunha de muitíssimas aparições de Katie King. Entre elas, claro está, consideramos principalmente aquelas que foram assistidas pelo Dr. William Crookes. Prescindimos, nas experiências dirigidas pelo Sr. Luxmore, em seu círculo espírita, de tudo aquilo que não foi confirmado experimentalmente por Crookes. Escreve a Sra. Ross-Church:

"As pessoas que assistiam às sessões pediam muitas vezes a Katie que lhes desse um pedaço de seu vestido como recordação. Ela distribuía de boa vontade estes pedaços, que cada um levava. Algumas pessoas, inclusive, tiveram a precaução de colocar o tecido em um envelope fechado. Porém, ao entrarem em suas casas, o pano havia desaparecido, para grande surpresa das ditas pessoas".

Em outras ocasiões, a reabsorção era feita à vista dos assistentes:

"Uma noite, quando Katie rasgou muito seu vestido, eu lhe disse que ele necessitaria de grandes reparos. Ela explicou: 'Vou mostrar-lhes como trabalhamos no mundo dos espíritos' (?!) Levantou parte do seu vestido e o recortou com a tesoura, fazendo cerca de quarenta buracos. Depois perguntou: 'Não é uma bonita peneira?'

Estávamos muito perto dela. Vimo-la então sacudir a saia suavemente (outra testemunha disse que foi com força) e depois todos os buracos desapareceram sem deixar o menor vestígio.

Notando nossa admiração, disse: 'Cortarei meus cabelos'. Naquela noite, Katie tinha o cabelo escorrido até a cintura. Tomei a tesoura e me pus a cortá-los seriamente, tão rápido como podia (exagero: na realidade, segundo as outras testemunhas, quem cortou foi a própria Katie, ou seja, Cook transformada). Ela dizia: 'Cortai mais, cortai mais, não para vós, bem o sabeis já que não o podereis guardar'. Cortei, en-

tão, mecha por mecha (exagero: não cortou tudo, mas somente as pontas, a parte que correspondia ao ectoplasma sobressalente dos cabelos de Cook), e depois que caíram por terra, voltaram para a cabeça de Katie. Disse-me que lhes examinasse os cabelos no lugar onde os havia cortado. Busquei bastante sem poder encontrar, todavia, nenhum corte aparente: as mechas de cabelo caídas ao chão haviam desaparecido."

CLASSIFICAÇÃO DO FENÔMENO

Do exposto sobre a transfiguração, é evidente também que o fenômeno deve ser classificado, como dissemos, entre os extranormais: na transfiguração, o corpo da médium é inegavelmente material. Evidentemente, o ectoplasma transfigurador também é material.

15. MATERIALIZAÇÃO

Nenhum fato, nem espontâneo nem experimental, pode ser invocado em favor da materialização. Ao contrário, as experiências apresentadas pelos defensores dela provam, na verdade, que a materialização não existe. Destes casos se deduz que nem os melhores dotados, nas melhores circunstâncias, nem cientistas conceituados, com todos os seus esforços, jamais conseguiram nenhuma materialização. Estes são os fatos.

O próprio conceito teórico da materialização é inadmissível. Sem nos determos demasiadamente em teorias, vamos fazer algumas considerações acerca do conceito em si, ou da "explicação" teórica da materialização.

A teoria da materialização se opõe a um princípio científico universal: a economia das hipóteses. Para explicar as apa-

rições por materialização, devemos supor primeiro que todo o médium, ou quase todo, foi desmaterializado sem que isto lhe acarretasse a morte definitivamente. E depois, "os espíritos do além" formariam um novo corpo completo, real, completamente materializado de carne e ossos sólidos, com sangue, leucócitos etc., com todos os órgãos instantaneamente formados e solidificados... E todavia, em uma espécie de nova criação, lhe infundiriam a vida, a inteligência etc., ou um "espírito desencarnado", por um poder inexplicável, se uniria a esse corpo e animaria seus músculos, suas artérias, seus nervos, seu cérebro etc., animando um corpo que não fora o seu. E isto se daria de um modo que o novo ser não seria uma personalidade diferente, mas a mesma pessoa de que formara parte o "espírito desencarnado" antes de "desencarnar-se", ainda que isto, filosoficamente, seja impossível e inadmissível. E ainda mais, os "espíritos do além" haveriam de desmaterializar novamente a aparição e "ressuscitar" a médium. Muito complicado, muito difícil, inexplicável.

Pelo contrário, a transfiguração é muito mais simples: o próprio médium se transfigura um pouco.

Concluindo o quanto foi dito, além da ectoplasmia e transfiguração, admitimos a ecto-colo-plasmia e a fantasmogênese, porém não a materialização.

A "OUTRA" PERSONALIDADE

Segundo os espíritas, o fato de que as "materializações" possuam todos os atributos intelectuais capazes de caracterizar uma individualidade física somente poderia ser explicado por meio de possessão temporal (do médium) por uma entidade inteligente, de origem "desconhecida", como dizia Rochas. Ou, como dizia Bozzano, "força a conclusão de que a idéia di-

retriz ou a vontade em ação é completamente estranha ao médium e aos assistentes". A ciência demonstra o contrário.

O Dr. E. Pascal relata a observação de um médium a quem revelou o desejo de entrar em comunicação com uma irmã falecida recentemente, que, porém, na realidade não havia existido: ele lhe deu o nome de Ivone e, pouco tempo depois, guiado pelo espírito de um médico hindu (?!), o médium anunciou a presença de um novo espírito. Este falou com voz feminina, apresentando-se como Ivone e, referindo-se a seus pais, relatou particularidades interessantes da vida da família de Pascal, que este já havia esquecido. O Dr. Pascal, que se ocupou especialmente de fenômenos metapsíquicos, mostra que todos estes fatos põem em evidência a origem sugestiva das personalidades mediúnicas (nascidas do inconsciente do médium que capta parapsicologicamente os dados, inclusive de pessoas e lugares distantes). E acrescente-se que a extraordinária objetividade e a intensa realidade destas personalidades, que puderam enganar argutos observadores acerca de sua exata natureza, são provas da força que pode ter a sugestão inconsciente (ou, em geral, prosopopéia) no transe mediúnico.

FIM DA ESCOLA MATERIALISTA PURA

De todos estes fenômenos ocupou-se a Parapsicologia de todo o mundo, inclusive mais profundamente que na Rússia. Porém, os enquadramos na escola materialista, já que são fenômenos devidos aos sentidos, direta ou indiretamente. Encaixam, mais ou menos perfeitamente, em uma concepção materialista do homem.

Porém, não termina tudo aí. A escola materialista não investigara os fenômenos de telepatia a longa distância, a

retrocognição ou conhecimento do passado, a precognição ou conhecimento do futuro, a movimentação de objetos a muitos quilômetros de distância etc. etc. Fenômenos que têm sido muito bem chamados de "ferro candente" da parapsicologia materialista.

Porém, em 1960, a parapsicologia materialista tropeçou na Universidade de Leningrado: Bechterev e Vassiliev tentaram tocar nesse ferro.

No campo eletromagnético é conhecido o efeito da "gaiola de Faraday", dentro da qual se anulam as ações de indução e não se pode detectar ondas de nenhum tipo. Um pequeno receptor radiofônico, por exemplo, introduzido pouco a pouco dentro de um recipiente metálico: sua música diminui de intensidade até desaparecer, quando estiver totalmente envolto pelo metal. Pretendendo evidenciar que a chamada telepatia era uma transmissão de ondas eletromagnéticas cerebrais, um agente telepático foi introduzido na "gaiola de Faraday". Ocorreu, entretanto, que as transmissões telepáticas continuaram, sem serem afetadas por estes obstáculos físicos. Daí nasceu, ao lado da cátedra de Parapsicologia da Universidade de Leningrado, e sob a direção do Prof. Vassiliev, o "Instituto para a Investigação de Fenômenos Parapsicológicos Remotos". O Instituto contou com um número considerável de colaboradores especializados e grandes facilidades financeiras.

Inúmeras experiências fizeram reconhecer, segundo as palavras do próprio Vassiliev, "a existência de alguma força própria das transmissões cerebrais, mentais, irredutíveis aos agentes físicos..." Experiências de hipnotismo à distância, no espaço e no tempo, convenceram cada vez mais Vassiliev e a parapsicologia russa de que existe um elemento espiritual no homem. Na Rússia! Nos escritos de Vassiliev, além da frase já citada, se encontram várias outras frases que afirmam

que não somente aceitam os fenômenos que nós chamamos "extranormais", fisiológicos, mas também que já aceitam os fenômenos "paranormais" extra-sensoriais, espirituais, como a escola espiritualista, que agora analisaremos.

Capítulo III

ESCOLA ESPIRITUALISTA

Liderada por J. B. Rhine, catedrático de Parapsicologia da Universidade de Duke, Durham, Carolina do Norte. Rhine, Pratt, Pearce, com muitos outros investigadores de diferentes nações, se dedicaram, desde o começo, à investigação dos chamados fenômenos PARANORMAIS, que não se podem explicar a não ser que se admita no homem a existência de uma faculdade espiritual.

Fenômenos paranormais de conhecimento

Etimologicamente, paranormal significa à margem do normal. Em sentido real, depois das investigações, significa espiritual, faculdade espiritual de conhecimento. Rhine (Estados Unidos) e Vassiliev (Rússia) o definiram nestes termos: "Fenômenos que não se devam a nenhum tipo de energia física conhecida, nem possível". Não físico, mas real, é sinônimo de espiritual no significado comum do termo.

1. PSI-GAMMA

Das letras gregas *psi*, início da palavra *psiché*, que significa alma, e *gamma*, começo da palavra *gnosis*, que signifi-

ca conhecimento, conhecimento próprio da alma, em contraposição ao conhecimento próprio do corpo, dos sentidos.

O Dr. Pratt manejava um conjunto de cartas de um baralho Zener, no atual edifício da Faculdade de Ciências da Universidade Duke. Ao mesmo tempo, o Dr. Jerbert Pearce estava em outro edifício, onde fica a atual sala de leitura, no fundo da biblioteca da Universidade. Antes de se dirigirem cada qual ao seu respectivo lugar, sincronizavam seus relógios. Uma vez nos seus gabinetes, o Dr. Pratt baralhava cuidadosamente as cartas e colocava depois o baralho no canto esquerdo da mesa. No momento combinado para o início da prova, o Dr. Pratt pegava a primeira carta e, sem olhá-la colocava-a com a figura para baixo sobre um livro, no meio da mesa. Esperava um minuto. Depois retirava a carta, sem olhá-la e a passava ao ângulo direito da mesa, sempre com a figura para baixo. Imediatamente, fazia o mesmo com as cartas seguintes, até passar as 25 cartas do baralho especial. Cada prova durava, pois, 25 minutos.

O Dr. Pearce, em seu gabinete, no outro edifício, havia consignado na sua folha de registro, a cada minuto, o símbolo da carta que, segundo seu parecer, o Dr. Pratt havia retirado naquele minuto. No conjunto de 300 tentativas, o Dr. Pearce acertou 119 vezes. O lógico era esperar, por acaso, em 300 tentativas, 60 acertos. O Dr. Pearce, não obstante, conseguira 119 acertos, quase a metade das cartas. A possibilidade de tal resultado, segundo a estatística matemática, está expressa por uma fração de 1 sobre a unidade seguida de 15 zeros. Fizeram-se milhares e até milhões de experiências de laboratório e análises científicas de milhares de casos espontâneos. Casos existem em que o conhecimento se deu a muitos quilômetros de distância, apesar de quaisquer obstáculos, conhecimento do passado e do futuro.

Todos já ouviram falar de casos como, por exemplo, do naufrágio do transatlântico Titanic que foi anunciado deta-

lhadamente pelo Sr. O'Connor. A queda do dirigível Alitália havia sido anunciada também com todos os detalhes. A morte de John Kennedy havia sido prenunciada pela Sra. Dickson... Em todas as épocas e em todos os povos, há mães que pressentem e anunciam com todos os pormenores a morte ou acidentes de seus filhos ou seres queridos. Adivinhos como Gerard Croiset, o Sr. Schackleton ou a Sra. Stewart são "cobaias" de laboratórios universitários de Parapsicologia. Expressam o passado, o presente e o futuro casual e livre, minuciosamente, e acertam em muitos casos, além do previsto pelo acaso.

Com estas demonstrações provou-se cientificamente a existência no homem de uma faculdade espiritual de conhecimento. Esta faculdade foi chamada PSI-GAMMA.

Na vida ordinária, a emergência dos conhecimentos inconscientes desta faculdade ao consciente são relativamente freqüentes, sobretudo quando se trata de acontecimentos estranhos em torno de pessoas queridas. A emotividade rompe a porta da passagem do inconsciente ao consciente. O talento do inconsciente se encarrega de dramatizá-los como provenientes do demônio, dos espíritos dos mortos, inclusive de fictícias entidades do além, segundo o ambiente.

Uma jovem de Campinas (São Paulo-Brasil) desperta de repente e verifica no relógio de cabeceira que são 6h35min. Ao sentar-se na cama, vê refletido no espelho do guarda-roupa a imagem de seu noivo, que deveria estar a 300 km de distância.

Ocorreu que o rapaz sofreu um acidente e quase foi atropelado por um caminhão. Seu relógio se quebrou no momento do acidente: marcava exatamente 6h35min.

Um conhecimento de psi-gamma irrompe durante o sono (estado que facilita a percepção consciente das captações inconscientes). Despertada a percipiente, a percepção inconsciente se projeta sobre o espelho (as superfícies lisas e bri-

lhantes, como água, vidro, bolas de cristal etc. facilitam a projeção de percepções inconscientes).

Esta faculdade do nosso inconsciente, que todos temos, conhece tudo o que ocorre dentro do nosso mundo. Os obstáculos físicos, tais como paredes, montanhas etc. que se possam interpor entre o sujeito e o objeto não dificultam o funcionamento da faculdade. Assim também, os vínculos físicos, fios por exemplo, unindo sujeito e objeto ou agente, não favorecem os resultados, a não ser que o sistema usado seja uma espécie de cumberlandismo, o que favoreceria a comunicação hiperestésica, não a psigâmica.

Psi-gamma prescinde da distância. Comparando os resultados obtidos a diferentes distâncias, desde alguns quilômetros (ou metros) até muitos milhares de quilômetros, tem-se a nítida impressão de que a distância e os obstáculos não têm influência sobre os resultados. A única coisa que parece influir no caso é a própria faculdade de percepção extra-sensorial do sujeito (ou sua capacidade de manifestação) nas diversas circunstâncias. Igualmente esta faculdade prescinde do tempo. Conhece o que ocorreu neste mundo, assim no passado, diretamente até um século e meio atrás, mais ou menos (retrocognição), como no presente (simulcognição) e no futuro, como veremos, alcançando até um século e meio adiante (precognição). É evidente que se em determinado caso ignoramos se de fato conhecemos este futuro direta ou somente indiretamente, tal conhecimento não deve ser classificado como precognição, a não ser em uma classificação prática.

ESPIRITUALIDADE

Esta faculdade de conhecimento que chamamos paranormal não é influenciada pela maior ou menor distância entre o objeto conhecido e a pessoa que conhece. Por conseguinte, já por este mesmo fato, se dá a entender que se trata de uma

faculdade espiritual. Qualquer energia física se transmitiria de maneira inversamente proporcional ao quadrado da distância. Inclusive, não há obstáculos: o radar ou o rádio, por exemplo, não funcionam dentro do mar. Para esta faculdade que o povo chama telepatia, não importa que o objeto de conhecimento esteja dentro ou fora do mar, dentro ou fora da gaiola de Faraday... A faculdade paranormal de conhecimento também não se deixa influenciar pelo tempo. Nenhum tipo de energia física poderá desprender-se de um acontecimento que ainda não existe, para influir no adivinho, por exemplo, trinta anos antes. Esta faculdade paranormal de conhecimento não tem tempo e, como veremos, conhece até um futuro casual e livre.

A ciência, quando nos primeiros anos de investigação se encontrou diante desses fenômenos paranormais de conhecimento, supôs aprioristicamente que se tratava de uma adivinhação sensorial, não espiritual, porque a ciência do final do século passado e princípios deste, salvo raríssimas exceções, era materialista. Aprioristicamente, chamaram esta faculdade de "criptestesia", que significa sensação, percepção sensível, de algum tipo de energia desconhecida, ainda que diferente de todas as energias físicas conhecidas. Ou, então, a chamavam de *sexto sentido* porque nenhum sentido conhecido explicava estes fatos. Mas supunham que era algo sensorial.

À medida que a ciência foi avançando na análise dos casos e das experiências, foi se compreendendo que não se podia incluir na etimologia as características dos fenômenos sensoriais, porque não possuía nenhuma das características dos fenômenos sensoriais. Chamaram-no, então, de "metagnomia", que significa conhecimento além do normal, porém não decidiram definir-se nem a favor nem contra a espiritualidade do fenômeno ou sua sensorialidade.

Em 1934, os parapsicólogos da escola norte-americana chegaram à conclusão unânime de que se tratava de um fe-

nômeno espiritual, imaterial, extra-sensorial, e o chamaram "percepção extra-sensorial".

Surgiu no mundo a maior polêmica que se conhece no campo das investigações psíquicas.

Por fim, em 1954, toda a parapsicologia ocidental (excluindo os parapsicólogos russos e os dos países da Cortina de Ferro), reconheciam no Congresso Internacional de Utrecht que existia de fato uma faculdade espiritual de conhecimento, a que chamaram psi-gamma, que significa conhecimento da alma, próprio da alma, não do corpo; espiritual, não sensorial.

A parapsicologia russa, ou também chamada escola materialista, não havia estudado este fenômeno. Na Alemanha, porém, surgiu, por obra do Dr. Hans Bender, catedrático de Parapsicologia da Universidade de Friburgo, uma frase irônica. Chamou a estes fenômenos paranormais "o ferro candente para a parapsicologia russa". Quando os parapsicólogos da escola materialista investigassem estes fenômenos, queimar-se-iam.

Os Drs. Guliaev e Vassiliev, professores de Parapsicologia nas Universidades de Moscou e Leningrado, chegaram com toda sorte de demonstrações científicas a estes fenômenos e se queimaram. E como bons cientistas tiveram que reconhecer que haviam demonstrado em laboratório que existia no homem uma faculdade espiritual de conhecimento.

Hoje, não há em parte alguma do mundo um parapsicólogo materialista.

2. PRECOGNIÇÃO

O famoso navio "Titanic" naufragou tragicamente na noite de 14 para 15 de abril de 1912. O Sr. J. O'Connor tinha reserva de passagem para si e para a família nesta viagem. Mas uns dez dias antes da data destinada à saída do navio,

O'Connor sonhou que "via o navio com a quilha ao ar e a bagagem e os passageiros flutuando ao redor".

O'Connor, para não assustar seus familiares e amigos, não contou nada. O sonho se repetiu na noite seguinte. Ainda assim O'Connor ocultou-o. Tendo, então, recebido notícias da América que se poderia retardar sua viagem, decidiu prestar ouvido ao sonho e mandou cancelar sua reserva no "Titanic". Pôde, então, contar o sonho a seus amigos, como explicação do porquê não viajava. Não queria correr riscos, uma vez que a viagem não era urgente.

O caso foi referido pelo próprio protagonista à "Society for Psychical Research" de Londres. Além disso, enviaram à mesma sociedade seu testemunho, em carta assinada, três dos amigos a quem O'Connor contou, uma semana antes da partida do navio, os sonhos que tivera. O'Connor apresentou, aliás, como comprovante, os passaportes e a reserva de passagens.

Pura casualidade, ou será que o homem tem a possibilidade de conhecer o futuro?

O fato é que em todas as épocas e em todos os povos acreditou-se na adivinhação do futuro.

Na antiga Grécia, em Roma, no Egito... na Idade Média, ser adivinho constituía uma profissão admitida. Atualmente os adivinhos estão proibidos por lei, teoricamente. Na prática, quem não conhece a cigana que lê a palma da mão? ou a senhora com sua bola de cristal? ou os astrólogos, cartomantes, médiuns "videntes" etc.?

A Parapsicologia estudou o problema. Nos arquivos há anotados milhares e milhares de casos comprovados, em que se testemunham fatos de conhecimentos do futuro. Muitos destes casos não resistem a uma análise séria... Mas milhares de outros, quando menos, são muito sugestivos em prol da precognição autêntica.

São muitas as experiências de laboratório, principalmente na base da estatística matemática. Por exemplo, pergunta-se ao "dotado" a ordem em que iriam as cartas de um baralho, depois de bem misturado, no futuro. Muitos "dotados" adivinhavam com freqüência, muito acima da probabilidade ou acaso.

Objetou-se que o "dotado" poderia influenciar sobre aquele que embaralhava as cartas. Construíram-se máquinas especiais, que de uma maneira imprevisível embaralhavam as cartas. Os êxitos continuaram. Ainda objetou-se que poderia haver um influxo do inconsciente sobre as máquinas (telecinesia e psi-kappa); passou-se então a cortar o maço de cartas de acordo com a temperatura máxima ou mínima de determinada data futura e os dotados continuaram a prever como ficariam as cartas. Objetou-se que poderia ser uma influência do inconsciente sobre o clima! Puseram uma barreira intelectual completamente intransponível, sobre-humana, e assim a Parapsicologia continuou a experimentar em condições cada vez mais e mais rigorosas.

A ciência internacional examinou sob todos os pontos de vista os resultados obtidos, manifestando em sucessivos congressos que, de fato, está cientificamente demonstrada a existência no homem da faculdade de conhecimento direto do futuro.

Isto não quer dizer que exista o destino, mas que o homem é capaz de conhecer aquilo que livre e casualmente acontecerá; sendo psi-gamma uma faculdade espiritual, não se submete às leis do tempo (nem do espaço) como a matéria.

Muitas pessoas que não filosofam ou não conhecem filosofia, ao ouvir falar de que nosso psiquismo inconsciente pode conhecer o futuro, pensam que existe o determinismo, o fatalismo. Na realidade, é o contrário: se tudo estivesse já prefixado, determinado, o conhecimento dos acontecimentos do futuro seria conhecimento daquilo já escrito, já determinado,

já prefixado, e não seria conhecimento direto do futuro. Não seria precognição, mas simulcognição. Ao demonstrar a precognição, a Parapsicologia teve que demonstrar primeiro em laboratório que o conhecimento se referia a fatos independentes, não prefixados, indeterminados do futuro com respeito ao presente.

Se existe a precognição, por que proibir os adivinhos? Porque ninguém pode controlar esta faculdade. As precognições (ou psi-gamma em geral) são essencialmente espontâneas e incontroláveis.

3. TIE

Os teóricos do espiritismo (Allan Kardec, Aksakof, Lombroso, Bozzano etc.) insistiram muito nos casos em que se "adivinham" coisas que ninguém sabia conscientemente. Hoje, entretanto, sabe-se que é mais fácil adivinhar o inconsciente de uma pessoa que o seu consciente. Este fenômeno psi-gamma se conhece sob a sigla TIE (Telepatia sobre o Inconsciente Excitado). O principal investigador deste fenômeno foi o mexicano Pe. Carlos Maria Heredia, SJ.

Um exemplo, o Pe. Heredia havia marcado num papel, em espanhol, o nome de uma erva desconhecida nos EUA, "beldroega", juntamente com a tradução em inglês, "purslane". Vários meses depois, esqueceu completamente o nome inglês da erva rara. Em uma conferência pública, diante de mais de 500 pessoas, em Nova Orleans, foi distribuído papel e lápis a mais de 30 pessoas que se julgavam especialmente dotadas.

Então, o padre pensou em espanhol a palavra "beldroega" sem dizê-la. Depois de algum tempo, levantou-se um jovem, dizendo: "Sem saber como, escrevi uma palavra que eu não conheço". E entregou-lhe o papel, no qual estava bem claramente a palavra "purslane". De tal modo estava esquecida

pelo consciente do Pe. Heredia a tradução inglesa da palavra espanhola pensada, que teve que recorrer às suas anotações para confirmar que aquela era a verdadeira tradução.

O pensamento consciente da palavra espanhola excitou por associação, no inconsciente, a tradução inglesa. O pensamento inconsciente foi captado por TIE e manifestado pela escrita automática, fenômeno que facilita muito a revelação de conhecimentos inconscientes. Claro está que psi-gamma, que não tem distância nem tempo (dentro de nosso planeta e no espaço aproximado de dois séculos), conhece e, às vezes, pode manifestar dados de pessoas e objetos ausentes, contra o pressuposto pelos teóricos do espiritismo, demonologia ou outras interpretações supersticiosas.

Eis um exemplo: era o dia 17 de janeiro de 1952. Numa sala de Roterdã deveria realizar-se uma reunião no dia 20 (três dias depois). Havia trinta lugares. Ao acaso, escolheu-se o número 18 e perguntou-se ao Sr. Croiset quem haveria de sentar-se naquela cadeira. Depois de alguns instantes (escreve o Dr. Tenhaeff), o Sr. Croiset me disse que não recebia nenhuma impressão e pediu que indicasse outra cadeira. Foi o que fiz. Croiset revelou-nos então que nesse lugar sentar-se-ia uma senhora com cicatrizes no rosto, conseqüência de um acidente de automóvel durante uma temporada na Itália. Com relação à senhora, lembrou-se da "Sonata ao Luar".

"No dia 20 de janeiro, às 20h45, verificou-se que dos 28 convidados à reunião compareceram somente 27 e que a cadeira 18 (diante da qual Croiset não experimentara reação) ficou desocupada. No outro lugar, pelo qual se havia perguntado a Croiset, sentou-se a senhora de um médico. Tinha cicatrizes no rosto, resultantes de um acidente de automóvel durante umas férias na Itália (cicatrizes que a afetavam muito). O marido afirmou que a "Sonata ao Luar" incomoda-

va muito sua esposa, já que a música estava relacionada com um caso íntimo de sua vida.

4. SUGESTÃO TELEPÁTICA

Um fenômeno que não podemos deixar de analisar é a chamada sugestão telepática. O "mérito" exclusivo é da pessoa que capta. O fenômeno se deve à faculdade psi-gamma do percipiente.

Na percepção normal sou eu quem devo ter em perfeitas condições meu olho, minha retina, meu nervo ótico e minha circunvolução cerebral que corresponde à visão. O mérito é exclusivamente meu. As coisas que se vêem não passam de objetos externos. Minha faculdade ótica necessita de certas condições: se o objeto é muito pequeno não o vejo; se está muito longe, também não o percebo. Não passa, porém, de objeto e de circunstâncias externas. Sou eu quem deve ter as faculdades em condições. O mesmo acontece na sugestão telepática.

De fato, algumas pessoas, se forem dotadas de faculdades parapsicológicas, podem adivinhar o que uma pessoa lhes quer sugerir. Não é o caso, porém, que esta as domine. O "agente", se possui realmente qualidades, excitará mais, aumentará mais o brilho do objeto que deve ser captado, porém não passa de objeto e condições extrínsecas.

Pode suceder alguma vez que um dotado adivinhe os desejos de outra pessoa e, a propósito deste fato, se crie a lenda e se acredite que a bruxa possa sugerir uma corda para que o enamorado tropece nela e caia. Se o enamorado não é dotado de faculdades parapsicológicas, não há bruxa capaz de fazê-lo cair. Porém, se é um dotado, ainda que a bruxa tenha muito poucas faculdades, ele pode adivinhar. Não é um poder da bruxa, é um poder da vítima.

Como esclarecimento, vejamos um exemplo de sugestão telepática numa investigação pessoal: uma senhora de São José dos Campos, perto de São Paulo, está vendo televisão com seu marido. Adormece e tem uma alucinação. Sonha que está vendo uma rua de São Paulo que reconhece. Está vendo o número da casa e o retém na memória. De repente, em sua alucinação ouve a freada de um táxi e o motorista dizendo: "Meu Deus, matei um homem". Vê gente se acercando, vê o motorista saindo do carro e o policial que chega e pergunta seu nome. Ela guarda o nome do taxista, acompanha a polícia para ver o número da placa do carro e o guarda na memória. Depois ela olha para o solo e vê um homem morto, enquanto o sangue corre pelos paralelepípedos. O policial move um pouco a cabeça do atropelado para ver se está vivo ou morto e então a senhora dá um grito e desperta. Diz ao marido: "Que susto acabei de levar! Sonhei que você havia sido atropelado em São Paulo, na rua tal. O motorista do táxi chama-se fulano de tal, o número da placa do carro...".

Uma filha deste casal, que era minha secretária, se inteirou do caso e pensou que "possivelmente era uma tolice, o inconsciente inventa muitas tolices. Alguma vez pode acertar, a maior parte das vezes se equivoca. Porém, se por acaso... vamos tomar nota... talvez seja de interesse científico...".

Dois meses mais tarde, este senhor morre em São Paulo, atropelado por um táxi, com a mesma placa, nome, número etc.

Durante a agonia do acidente ou durante a morte aparente, o inconsciente, evidentemente, estava pedindo ajuda querendo comunicar a notícia à família. Este desejo ou sugestão assim como os demais dados do acontecimento foram captados psigamicamente pela esposa. Só que a sugestão telepática, como todo fenômeno psigâmico, prescinde do tempo: os fatos foram captados antes do acontecimento, isto é, por precognição.

5. PSI-KAPPA

Terminamos aqui a exposição dos fenômenos de conhecimento, ou de efeitos psíquicos, tanto extranormais como paranormais. Estudamos também os fenômenos extranormais de efeitos físicos. Deveríamos iniciar a análise dos fenômenos paranormais de efeitos físicos, tais como bilocação a quilômetros de distância sem interferência de obstáculos etc.

Tal estudo nos levaria a tratar e discutir os fenômenos que se englobam sob a faculdade que se chama PSI-KAPPA. Dizemos, unicamente, que estes fenômenos paranormais de efeitos físicos, concretamente, sua classificação como realmente paranormais (e não simplesmente extranormais ou, em alguns casos, sobrenaturais) são entretanto muito discutidos. Faremos uma análise detalhada em outros volumes.

Capítulo IV

ESCOLA ECLÉTICA

Outra escola importante é a que poderíamos chamar eclética, liderada principalmente pelos europeus. São os investigadores que estudam os fenômenos "extranormais", como a escola materialista, e também os "paranormais", como a escola espiritualista.

Sobre a escola eclética e sobre sua derivada — a escola teórica — falamos em outros livros que podem servir de texto ou de aprofundamento na matéria, como nos temas tratados até agora.

Não sendo fácil suprir, por enquanto, esta deficiência, ao menos em forma sistemática, preferimos para este breve trabalho dar algumas respostas às perguntas que mais freqüentemente nos são feitas nos cursos de divulgação. Referimo-nos a perguntas que se encaixam nos temas estudados pelas escolas eclética e teórica.

1. PSICO-HIGIENE

Pela enorme propaganda de que foi objeto, intencionalmente nos referimos a um caso concreto.

O caso de Pedro José de Freitas, "Arigó", é interessante e ao mesmo tempo lamentável. Talvez possuísse algumas

pouquíssimas e pequeníssimas faculdades parapsicológicas no que concerne a curas, faculdades que, em Parapsicologia, chamamos de psico-higiene. Têm sido estudadas muito bem, especialmente pela escola européia, na Alemanha por exemplo, pelo Dr. Hans Bender, catedrático de Parapsicologia na Universidade de Friburgo. Estes fenômenos de psico-higiene são maravilhosos, pois o psiquismo tem um poder despótico sobre o organismo. Há curandeiros que fazem, inclusive, operações a distância, que fazem operações sem instrumentos, que dão veneno e curam etc.

A um dotado de faculdades de psico-higiene, diante de um prêmio Nobel em Medicina, disseram que lhe davam açúcar, porém lhe deram estricnina... O nível de açúcar subiu no sangue e não teve nem disenteria. Até no hipnotismo pode surgir o poder do psiquismo sobre o organismo. Esdeile, em Calcutá, cortou duas pernas, as duas, de uma pessoa, sem dor, sem sangue, sem infecção. Há dotados que têm feito verdadeiras maravilhas.

"Arigó", pelo contrário, não fez maravilhas. Arigó não fez operações complicadas. Quando o Dr. Barnard chegou ao Brasil, começou-se a dizer na imprensa que Arigó ia fazer um transplante de coração. Porém, ele não sabia fazer operações complicadas, nem sequer era capaz de realizar operação de apendicite.

O que ele fazia é muito simples: por exemplo, extrair (um ectirigio)... Qualquer enfermeiro pode fazê-lo. Por falta de calcificação, sai uma espécie de pele no olho, raspa-se um pouco, se desprende e somente é necessário cortá-la com uma tesourinha. Depois afirma-se que era operação de cataratas...

Arigó não permitia ser estudado por nenhum cientista que não espírita, muito menos se parapsicólogo. Tem-se falado muito de Henry Puharit. Puharit não é parapsicólogo, mas um médico conhecido como espírita...

Parece que Arigó se havia "especializado" em "operações" nos olhos. É por onde começam todos os curandeiros. O olho chama muito a atenção. Porém, uma gota de lágrima misturada com dois litros de água ainda demonstra seu poder natural desinfetante extraordinário. O olho quase não tem irrigação sanguínea, portanto é lógico e não-extraordinário que não verta sangue...

Parapsicologicamente, nosso inconsciente conhece tudo o que sabem todas as pessoas em nosso mundo. Basta que um cirurgião saiba fazer uma operação para que nosso inconsciente saiba fazer essa operação. Se em alguma circunstância especialíssima o inconsciente tomasse suficientemente conta da máquina humana, não seria inexplicável que um curandeiro pudesse fazer uma operação de apendicite, de catarata ou de hérnia.

Há pouco, morreu em São Paulo um fervoroso espírita por causa de uma enfermidade que, se cuidada a tempo, um enfermeiro poderia ter curado, porém ele recorreu a Arigó...

Em São José dos Campos, no sanatório de tuberculose, muitos deles são enfermos, comprovados, por culpa de Arigó. A maioria por ter recebido excesso de medicamentos. Arigó acreditava, anteriormente, que quanto mais doses, tanto mais rápida seria a cura, e administrava quantidades desaconselháveis.

Por fim, Arigó já não se aventurava a "adivinhar" os diagnósticos, a não ser evidente, porque aprendeu a ser prudente... e exigia que lhe trouxessem o diagnóstico feito pelo médico. Se os enfermos não soubessem o diagnóstico, pedia ao menos os sintomas. Neste caso, se a enfermidade fosse fácil, ele, que levava vinte anos de curandeirismo, muitas vezes sabia quais seriam os remédios. Se não fosse fácil, ele dizia: "Olha, você está pagando pelos pecados da reencarnação anterior. Não vou curá-lo, tenha paciência...".

2. PROSOPOPÉIA

Todos os fenômenos parapsicológicos, quando se manifestam, vêm acompanhados de prosopopéia, isto é, atribuímos esses prodígios de nossas faculdades inconscientes a demônios, a espíritos dos mortos, a pitões, a fadas etc. Há prosopopéias fantásticas. Com suas qualidades o inconsciente pode dizer que é o espírito de tal pessoa, porque adivinhou que tal pessoa existiu, viveu. Pode mudar de letra, de voz, de ciência. Pode mudar até de rosto (é a chamada transfiguração) etc.

A prosopopéia de Arigó, por exemplo, não tinha nenhum valor científico. Diz que era um médico da Primeira Guerra Mundial, chamado Adolf Fritz. Porém, quando se lhe perguntava sobre coisas concretas, família, universidade em que estudou, testamento etc., Arigó não sabia responder.

Qualquer iniciante em prosopopéia, a partir de Hitler, se está representando um alemão, nos dirá que se chama Adolf. E quanto a Fritz, é o nome mais popular na Alemanha, assim como Franz (agora acaba de aparecer outro curandeiro no Brasil que diz estar possuído por Franz).

A campanha publicitária afirma que Arigó falava perfeitamente o alemão. Na realidade, após vinte anos de profissão, dizendo estar possuído pelo espírito de um médico alemão, terminou por aprender duas frases, sempre as mesmas, nessa língua. E falava com sotaque alemão. Ajudado por uma propaganda tendenciosa, ultimamente descreveu também alguma cidade alemã, porque lhe ensinaram ou porque viu em cinema.

Porém, não falava nem entendia alemão... As duas frases, a pronúncia alemã, a descrição de alguma cidade alemã e uma forte propaganda ocultavam muito bem a realidade desse homem pobremente dotado de faculdades parapsicológicas, se é que tinha algum dom parapsicológico...

Prosopopéias simplistas ou simples como a de Arigó são freqüentes. Qualquer fenômeno é interpretado sem mais pesquisa como encosto de um espírito, como possessão demoníaca ou como se houvesse reencarnação. Mas outras vezes, repetimos, há prosopopéias realmente maravilhosas. O inconsciente é capaz de apresentar prosopopéias com "argumentos" que impressionam. É por isso que diremos alguma coisa mais a respeito destas prosopopéias mais clássicas (demônios, espíritos, reencarnação) que têm enganado tantas pessoas. Estudaremos estas prosopopéias ao resumir a escola teórica.

3. MANCIAS

A Escola Eclética da Parapsicologia estudou todas as técnicas, ou pragmáticas, ou mancias: astrologia, quiromancia, cristalomancia, cartomancia... Foram estudadas durante muitos anos. Todas elas não são nada mais que a técnica para que o inconsciente se inspire. Não são os astros, nem as cartas, nem a bola de cristal, mas o inconsciente com suas faculdades parapsicológicas que alguma vez pode adivinhar e dizer o que vai suceder (e muitas outras vezes equivocar-se, porque o inconsciente não tem regras fixas em suas manifestações).

A astrologia (melhor seria dizer astromancia) não tem quase nenhum valor científico. É meramente um jogo de sociedade. A verdade que os astros, o clima, certos magnetismos podem influir no caráter, na saúde; no entanto, é apenas um fator mínimo a ser considerado. Também a hereditariedade influi, assim como a alimentação, a medicina, a educação, os critérios e o meio ambiente etc., e além do mais a vontade e liberdade humanas. Que tudo dependa dos astros, como dizem os astrólogos, é verdadeiramente inadmissível e anticientífico.

O mesmo podemos dizer sobre a quiromancia. Sábios que se dedicam anos e anos a estudar, concluem somente alguma coisa (é a quirognomia). Que pode concluir um ignorante lendo nas linhas da mão?

O que pode suceder é que o inconsciente se inspire com as linhas da mão, ou com as cartas, ou com os astros, ou com a bola de cristal, ou com qualquer outra mancia, e adivinhe por HIP, ou por telepatia, ou por clarividência... (ou se engane muitíssimas vezes...).

Shackleton, Croiset, Stewart... os grandes dotados, estudados nos laboratórios da Parapsicologia mundial se enganam muitíssimas vezes. Os adivinhos acertam algumas vezes, se equivocam outras. Os curandeiros curam alguma vez, outras vezes matam. Os "dotados" não podem ser deixados sozinhos, devem estar sob a responsabilidade de um teórico.

4. SUBJUGAÇÃO TELEPSÍQUICA

Feitiços

Os feitiços, com a explicação ou no sentido popular, não existem... Ninguém pode nos fazer dano pela força do pensamento ou por métodos mágicos etc. Mas alguma pessoa que acredite no feitiço, se é sugestionável e dotada de faculdades parapsicológicas, pode ser vítima de sua própria superstição.

Vejamos um exemplo recentemente observado por um padre capuchinho, que omite nomes por causa de um juramento.

Uma senhorita, na Itália, estava para casar-se. O noivo, porém, nas vésperas do casamento, a deixou. A senhorita decidiu vingar-se e foi visitar uma bruxa, uma feiticeira. A bruxa lhe deu rigorosas recomendações: "Pegue um sapo, meta-o

num frasco, enterre-o sexta-feira, às doze da noite, lua cheia etc. etc.".

O capuchinho perguntou de quem se tratava. Ao saber, empalideceu.

— Porém, filha, eu acabo de dar a extrema-unção a este homem.

— Não se preocupe, padre. Não vai morrer. Estou arrependida e soltei o sapo. A feiticeira disse que o sapo continuará a viver, estamos tratando bem dele.

O padre foi ver o tal noivo, que estava muito enfermo. Reunira-se uma junta médica, que não soube diagnosticar a enfermidade. O homem não tinha nada, mas não resistia. Sufocava e morria aos poucos.

No dia seguinte, e para grande surpresa dos médicos, o homem começa a reagir.

O padre Balcucci, um sacerdote italiano, que não entende suficientemente de Parapsicologia, ao contar este caso num famoso livro, diz: "O sapo não pode ser o responsável por tudo, porque de onde terá forças para fazer estas coisas? Por conseguinte, tem que ser o demônio".

Esta é a interpretação mais simplista, menos científica, "ao gosto do consumidor". Acontecendo na Itália, em ambiente católico, coloca-se a culpa no demônio, quando o demônio não tem nenhuma culpa no caso. No Brasil, culpam-se os espíritos dos mortos.

Na realidade, é a má intenção daquela senhorita ou a má intenção da feiticeira que é captada por telepatia pelo inconsciente do noivo. A má intenção é captada pelo inconsciente da vítima. Em casos muito especiais, o próprio inconsciente se volta contra o próprio organismo, o inconsciente tem um poder despótico sobre o organismo. Quando capta, "não pode respirar, o fígado não pode funcionar, o coração começa

a enfraquecer, os pulmões não funcionam...", é o inconsciente que está matando a vítima. Não é propriamente a senhorita ou a feiticeira. E a própria vítima que está se matando a si mesma, por haver captado telepaticamente a má intenção (o que se dá em pessoas muito especiais). Nosso inconsciente é o culpado.

Aliás, para que o feitiço surta efeito, a pessoa tem que ser dotada, acreditar cegamente que os responsáveis são os demônios, os espíritos dos mortos etc., contra os quais não tem defesa. Há de ser tão raro, tão quebrado psiquicamente, ter perdido tanto o instinto de conservação, que o inconsciente possa se voltar contra o próprio organismo.

No Brasil, por exemplo, os espíritas carregam, como eles dizem, uma "figa" feita de um pedaço de madeira ou de ouro pendurada ao pescoço. A madeira ou o amuleto de ouro nada podem, porém a confiança que depositam na "figa" vale muito, porque o feitiço deve ser captado por telepatia, vem de fora, em quantidades mínimas, contra o instinto de conservação... E este contrafeitiço vem de dentro, em grandes doses, a favor do instinto de conservação... Não há luta. Para que o feitiço surta efeito, tem que acontecer no próprio feiticeiro ou em pessoas especialíssimas...

Outra coisa é com os animais pequenos e com as plantas (o famoso "mal-olhado"). Já conhecemos a telergia, essa energia física exteriorizada pelo homem. A telergia pode influir em pequenos animais, inclusive matando-os, e nas plantas, murchando-as. Mas não influi no homem. O homem poderia chegar a sentir um pequeno sopro, ou como máximo, um contato suave e rápido. E assim mesmo isso é difícil. Nas experiências realizadas pelos especialistas, ou nas observações dos casos espontâneos, por exemplo nas mal chamadas "casas assombradas", é típico que os objetos movidos pela telergia (casos de telecinesia) esquivem ao homem, como que repelidos pela pró-

pria energia do observador. Algo assim como a repulsão magnética de pólos do mesmo signo. Ou será que o homem normal não pode absorver a telergia? Uma pedra que voa numa casa mal-assombrada não bate nas pessoas presentes a não ser de rebote, quando já abandonada pela telergia.

É supersticioso ter medo dos feitiços.

5. DÉJÀ VU

Esta sensação "déjà vu" (costuma-se usar a expressão francesa), "eu já tenho visto isto", "eu já estive aqui", é um fenômeno muito freqüente e a Parapsicologia tem feito muitas investigações para que a Psicologia e a Psiquiatria compreendam o fenômeno. Antes da Parapsicologia, havia um erro comum na Psiquiatria, ou Psicologia geral: dizia-se que as situações "já vistas" eram indícios de tendência psicótica.

Algumas vezes, a sensação do "já visto" é de fato tendência psicótica, mas muitíssimas vezes não tem nada a ver com a psicose.

É um fenômeno comum, corrente e freqüentíssimo. Nem todos tendem para a psicose... Sua origem depende de vários fatores. Algumas vezes não presenciamos conscientemente aquele acontecimento, mas na infância tivemos uma sensação inconsciente. Levaram-nos no colo materno a um enterro enquanto dormíamos. A sensibilidade do inconsciente está sempre recebendo dados que o consciente não percebe, até uma criança na vida intra-uterina. Trinta anos depois, ou talvez mais, vamos àquele lugar. O lugar é uma espécie de pergunta implícita do inconsciente. "Quando vim aqui?" E surge a sensação de que "eu já estive aqui", "eu já vi isto".

Outras vezes é a faculdade HIP, que já conhecemos. Uma pessoa, vendo pela primeira vez o Japão, disse: "Eu já estive aqui". Nunca havia estado no Japão, porém um dia, por exem-

plo, estivera ao lado de um homem que visitara o Japão. Por HIP, aquela pessoa adivinhou inconscientemente o que este homem vira. Quando chega ao lugar, o lugar é uma espécie de pergunta implícita ao inconsciente e tem-se a impressão de que já se esteve ali. Na realidade, a pessoa não esteve, porém sentou-se, certa vez, no cinema, ao lado de um senhor que havia estado.

Outras vezes, pode ser a pantomnésia, a memória do inconsciente, que não esquece nada. Talvez não se viu na realidade, porém se escutou ou se viu no cinema. Como o inconsciente não esquece nada, volta a sensação de recordação. E assim é na verdade.

Há muitas outras causas, por exemplo, a precognição (a faculdade psi-gamma que conhece o passado, o presente e o futuro). Indo um dia a um aeroporto, vê-se um avião. O inconsciente pergunta o que o inconsciente conhece dos aviões futuros e isso o excita mais, quase chegando ao consciente. Algum tempo depois, vendo um modelo de um avião que se acaba de inventar, tem-se o sentimento de que "eu já vi" este avião... Não foi visto, mas há a recordação de uma precognição que se teve trinta anos antes.

Há outras causas mais: paramnésia, distúrbio psíquico chamado "recordação do presente", clarividência, sugestão telepática etc. A única causa que não tem base científica é a preconizada pelas superstições: vi-o em "reencarnação" anterior (!?).

Para a exposição das escolas materialista e espiritualista, servimo-nos muitas vezes, como se terá observado, dos trabalhos realizados pelos europeus, isto é, pelos representantes da escola eclética. Podem ser enquadrados em uma das escolas, materialista ou espiritualista, conforme cada caso. Esta terceira escola aproveita e estuda os trabalhos de ambas.

Capítulo V

ESCOLA TEÓRICA

Dentro da escola eclética deve destacar-se o aspecto teórico. Poderíamos também considerá-lo como uma escola à parte. É trabalho preferentemente teórico — compilação, revisão, análise, classificação, dedução de conseqüências e implicações etc. — das experiências e observações das outras escolas.

Para concretizar, assinalemos o aspecto "dedução de conseqüências e implicações" que acabamos de citar. Um numeroso grupo de parapsicólogos, estudando todo o conjunto de fenômenos, quer extrair conseqüências de ordem filosófica ou especulativa. Assim temos, por exemplo, na Alemanha, a fundação de uma associação, em 1951, pelo Dr. Joseph Kral e pelo abade cisterciense Alis Wiesinger. Esta associação publicou a revista *Fé e ciência* e agora a revista *Mundo oculto*. Em 1958 esta associação organizou o Primeiro Congresso Internacional de Parapsicólogos Católicos. Estuda-se a relação da Parapsicologia com os milagres, a mística, as revelações, as profecias, a espiritualidade da alma, a sobrevivência da alma etc.

1. FENÔMENOS SUPRANORMAIS

A escola teórica se dedica a analisar também os milagres (fenômenos supranormais ou sobrenaturais).

Vejamos alguns exemplos: há um fenômeno que já conhecemos, a xenoglossia. Hoje sabemos que o nosso inconsciente pode falar línguas estrangeiras perfeitamente. Com freqüência, um analfabeto pode falar línguas estrangeiras. É o que chamamos xenoglossia. Hoje conhecemos a xenoglossia e sabemos até onde chegam seus limites humanos. Nunca, em nenhum ambiente, em nenhuma parte do mundo, em nenhuma época, alguém falou ao mesmo tempo duas línguas. E nunca houve xenoglossia entendida por duas pessoas ao mesmo tempo em suas línguas diferentes. Isso é humano, parapsicológico.

Em contexto nitidamente religioso nos encontramos com os casos de S. Francisco Xavier, dos apóstolos, dos Coríntios... S. Pedro, no dia de Pentecostes, falou ao mesmo tempo 18 línguas diferentes e não somente para duas pessoas, mas para milhares. Como diz a Escritura, somos feitos à imagem e semelhança de Deus, porém muito limitados. Deus não tem os nossos limites...

Podemos conhecer o passado, o presente, o futuro. É uma faculdade demonstrada estatística e matematicamente pela escola norte-americana, faculdade essa que se chama psi-gamma. Esta faculdade de conhecimento aprende o passado, o presente e o futuro, numa margem de dois séculos. Diretamente, não sai daí. No entanto, na Bíblia encontramos profecias com séculos e séculos de antecedência. Toda a história do povo hebraico é, diríamos, em macrocosmos, a vida de Cristo, em microcosmos. As profecias explicam com toda espécie de detalhes como se chamaria o Messias, como viveria, seus amigos, sua família, em que cidade nasceria, como morreria. Temos até detalhes insignificantes: que iriam atravessar seu costado com uma lança, que não lhe quebrariam nenhum osso, que lhe dariam uma esponja com vinagre, que rasgariam suas vestes, mas que rifariam sua túnica. Detalhes que parecem insignificantes foram anunciados com precisão, com séculos

e séculos de antecedência. Cinco séculos antes do nascimento de Cristo se encerram as profecias. Nós nem sequer podemos superar dois séculos entre passado e futuro.

Cientificamente, não podemos negar a verdade histórica destas profecias, que eram conservadas em milhares de manuscritos e em milhares de sinagogas. Negá-las? Seria mais anticientífico que negar a existência de Roma, de Cícero, de Demóstenes, das guerras púnicas. Não existe nenhuma verdade histórica mais cientificamente provada que a das profecias bíblicas. E superam nitidamente o conhecimento do futuro de que o homem é capaz. Trata-se de Deus, é fenômeno sobre-humano.

Em todo tipo de fenômenos podemos distinguir o milagre do fato natural. Um curandeiro poderá fazer uma pequena operação, diagnosticar à distância, receitar um remédio que não existe — mas que vai ser descoberto (por conhecimento do futuro) —, mas nenhum curandeiro, em época alguma, em nenhuma parte do mundo, curou um homem leproso, ressuscitou um morto. Analisando a verdade histórica dos Evangelhos, vemos que Cristo curou ao mesmo tempo, na mesma ocasião, dez leprosos, de longe. Ressuscitou mortos, o filho da viúva de Naim, a filha de Jairo, o seu amigo Lázaro, que estava enterrado havia quatro dias (se não estivesse morto, morreria asfixiado em três minutos, por causa dos lençóis em que fora enrolado e dos aromas com que o embalsamaram). Cristo anunciou que ressuscitaria a si mesmo e o fez em desafio. Depois de crucificado, com o costado atravessado pela lança, embalsamado... Somos feitos à imagem e semelhança de Deus, porém somos limitados. E o milagre não tem limites.

Comprovações modernas de verdadeiros milagres as temos, por exemplo: em Lourdes. Existem observações científicas de médicos, de parapsicólogos, de consulta internacional. Vejamos um exemplo: cientificamente, comprovou-se que ha-

viam cortado dez centímetros de osso da perna de uma senhora. Cansada de balançar a perna, foi a Lourdes. Recebeu a bênção do Santíssimo e ficou curada. Foi ao consultório médico e o osso que faltava retornara. Os médicos não encontraram explicação normal, nem patológica. O caso passa ao primeiro grupo de parapsicólogos: não tem explicação em Parapsicologia. Passa ao segundo grupo de parapsicólogos em consulta internacional: não tem explicação em Parapsicologia. Nem o ectoplasma, nem o "aporte" parapsicológico podiam explicar aquele fato. O osso superior ou o inferior do "enxertado" é, diríamos, "reticular", duro por fora e mais ou menos oco por dentro, mas o osso milagrosamente "enxertado" é maciço.

Com toda sorte de análises, demonstra-se que é osso humano, possui todos os componentes químicos do osso humano.

Assim, poderíamos ir analisando um por um dos fenômenos parapsicológicos, como o faz a escola teórica. Somos maravilhosos, porém limitados. Uma das diferenças entre o parapsicológico e o milagroso é a diferença abismal entre o finito e os reflexos do infinito. Esta é uma das características: poderíamos falar de outras mais.

Tudo isso para prescindir dos fenômenos intrinsecamente humanos, porém extrinsecamente divinos. Cristo, por exemplo, quando adivinhava o pensamento dos seus discípulos ou dos fariseus, ou quando anunciava como e o que encontrariam adiante e o que diriam, quando curava certas enfermidades puramente funcionais etc., certamente podia servir-se da telepatia ou da sugestão. Basta uma explicação natural. Não se deve explicar sobrenaturalmente o que se pode explicar naturalmente. Muitos (não todos) dos prodígios de Cristo eram naturais, intrinsecamente considerados.

Aqueles prodígios, porém, Ele os realizava sem preparativos, sem transe, sem esgotamento nervoso, com plena se-

gurança, à luz do dia, em desafio, sem inibições, quando queria e como queria, até os limites máximos, isto é, como senhor. Somente Deus é senhor das forças parapsicológicas. Extrinsecamente considerados, aqueles prodígios também eram milagres, também demonstram a intervenção divina.

Talvez um ou outro fenômeno que no estado atual da ciência é considerado milagre, na ciência do futuro possa ser explicado naturalmente. Talvez uma ou outra relação de um caso concreto, inexplicável naturalmente, pode demonstrar-se algum dia que não foi realidade histórica, mas lenda ou exagero...

Isso sucede em qualquer ramo da ciência. Uma ou outra experiência concreta pode depois ser refutada ou superada. Mas o fundamental é científico, é verdadeiro, devemos guiar-nos pela ciência.

Também na Parapsicologia (e concretamente no estudo dos fenômenos supranormais) pode haver uma ou outra refutação ou superação, mas o fundamental é verdadeiro, é científico. Seria muito anticientífico e apriorístico não se guiar pela ciência neste aspecto, por problemas pessoais...

2. SOBREVIVÊNCIA

O tema da sobrevivência do espírito, depois da morte, depois da desanimação do corpo (no sentido etimológico mais estrito da palavra desanimação) se estuda com especial atenção em Parapsicologia. Em Durhan, por exemplo, desde 1962, quando com o Fundo Mac Dougal se inaugurou a Fundação para a Investigação da Natureza do Homem. Já no Congresso Internacional de Parapsicologia de Saint Paul de Vence (1954) os parapsicólogos filósofos determinaram a espiritualidade das faculdades psíquicas. Nos EUA se fundou a Psychical Research Foundation, em abril de 1961, com colaboração internacional (presidente Dr. Pratt, da Universida-

de de Duke, EUA; vice-presidente, Dr. Price, da Universidade de Oxford, Inglaterra). Publicam o boletim *Theta*, da palavra grega *thánatos* (morte), no qual estudam os argumentos científicos, do ponto de vista parapsicológico, sobre a questão da sobrevivência.

A sobrevivência é uma dedução lógica da espiritualidade da alma. Efetivamente, eis aqui um esquema do raciocínio mais típico: dado que existe no homem um efeito espiritual, é necessário haver uma faculdade espiritual (Psi-Gamma). Pois bem, uma potência espiritual (alma) não pode ser destruída, corromper-se ou deteriorar-se. A alma espiritual só poderia não ser eterna por aniquilação. Mas, para aniquilar, necessita-se de idêntica força que para criar. Criar é fazer algo do nada e aniquilar é fazer de algo nada. Somente um poder infinito, somente o poder de Deus pode aniquilar, como somente o Criador pode criar. As forças naturais só podem modificar e transformar, nunca criar ou aniquilar.

Por conseguinte, a sobrevivência é uma verdade que se confirma logicamente por este descobrimento científico experimental das faculdades espirituais do homem.

3. ESPIRITISMO

COMUNICAÇÕES COM O ALÉM?

Outra das principais conclusões da parapsicologia teórica é a confirmação de que não há comunicação dos mortos com os vivos. Nem os vivos têm força para fazer vir do "além" os mortos, nem os mortos têm força para intervir no mundo dos vivos. Somente Deus pode intervir no nosso mundo. A Parapsicologia explica hoje todos os casos que os teóricos do espiritismo, ou os defensores das aparições de almas do purga-

tório etc., chamam "provas de identidade", "provas" de que o fato se deveria a um "espírito desencarnado".

E a Parapsicologia, em sua escola teórica, não somente explica todos os fatos supostamente espíritas como sendo parapsicológicos dos vivos, mas também demonstrou que não podem ser explicados como sendo por intermédio dos mortos. As experiências e os fatos que motivam esta segunda afirmação são muitos e variados. A experiência mais fácil de se entender, apesar de hoje estar em desuso, é a da "frase-controle" ou "experiência do envelope".

Por exemplo, Monteiro Lobato deixou, pouco antes de morrer, com o Dr. Godofredo Rangel, uma "frase-controle" em um envelope fechado e lacrado. Ninguém, a não ser o próprio Monteiro Lobato, conhecia por vias normais a frase. Tinha interesse em vir depois de morto comunicar a frase-controle, se pudesse comunicar-se com os vivos. Algum tempo depois da morte do escritor, o inconsciente de um conhecido psicógrafo de Minas Gerais terminou as obras de Monteiro Lobato. O mesmo estilo, as mesmas idéias... porém faltava a frase-controle que Monteiro Lobato havia deixado, precisamente para servir de comprovante de que o escritor das obras "póstumas" era seu próprio espírito desencarnado. As obras se deviam, pois, às forças parapsicológicas do inconsciente do vivo.

Este tipo de experiência, clássico no tempo da metapsíquica (Myers, Hislop, Lodge, Hugdson etc.), poderia prestar-se a conclusões erradas se houvesse algum resultado positivo. O inconsciente dos vivos é capaz de "adivinhar" a frase-controle do envelope por várias vias parapsicológicas. Não obstante, o resultado foi sempre negativo, a frase-controle nunca apareceu até agora.

Hoje, para evitar este possível erro, a experiência do envelope nas escolas teóricas de Parapsicologia modificou-se.

Agora a experiência se faz com símbolos interpretáveis por máquinas eletrônicas. Continua sem aparecer a "assinatura" do espírito do além.

Espontaneamente, realizam-se experiências semelhantes. Os teóricos do espiritismo tornaram famosíssimo o caso de Dickens. Depois da morte do poeta, o inconsciente de um médium terminou um livro inacabado. Identidade de estilo, de personagens... "Era o próprio Dickens, escrevendo depois da morte", diziam. Contudo, posteriormente, encontraram-se alguns manuscritos de Dickens, nos quais projetavam o esquema que devia seguir-se na continuação do romance: nada tinha que ver com a composição do médium... (Se o inconsciente do médium tivesse manifestado um conhecimento paranormal deste esquema, quantos haveriam de tomar a coisa como "prova absoluta" de intervenção do além!)

A escola teórica conta com outros muitos tipos de experiências, além de inumeráveis argumentos de tipo especulativo na ordem dos fatos.

E A ORAÇÃO?

Em nossas relações com os mortos surge um problema transcendente: a oração. Na oração, não é propriamente o vivo em comunicação com o morto. É o vivo que pede a Deus por intercessão dos santos e pelos méritos dos santos que lhe conceda o que pede. Colocamos por intercessores nossos advogados, nossos irmãos maiores que nos precederam na fé. As orações aos santos não são propriamente uma comunicação com o morto, mas com Deus. E quando um santo nos concede um favor não é o santo que interfere neste mundo (porque não pode). É Deus, por intercessão ou pelos méritos do santo. A comunicação do além com o aqui somente Deus pode fazê-lo.

Outro aspecto a considerar são as chamadas "aparições". Não há dúvida de que muitíssimas aparições que aconteceram ao longo da história, como sobrenaturais, milagres, foram, na verdade, meramente aparentes. Assim como o espírita crê que se comunica com o morto, muitos católicos crêem que se comunicam com os mortos, com as almas do purgatório ou com algum santo. Estão equivocados. A prosopopéia do católico é dramatizar como comunicação com um santo, com a Santíssima Virgem, com Jesus Cristo. O espírita constrói a prosopopéia, da comunicação com os espíritos dos mortos, o ocultista fará a prosopopéia da comunicação com as larvas astrais, os antigos romanos e gregos acreditavam que se comunicavam com os pitões etc. São prosopopéias, falsos milagres, não milagres verdadeiros.

Visões e Aparições

Porém, algumas vezes, Deus faz um milagre, como é o caso de Lourdes ou de Fátima. Nas visões que aqueles jovens tinham da SS. Virgem, era realmente a SS. Virgem que aparecia? Não. Eles acreditavam ver a SS. Virgem. Porém, o fenômeno como tal, uma alucinação, é natural. É preciso ver se essa alucinação é meramente natural ou se é instrumento de Deus, ou seja, providencial. Podemos explicá-la naturalmente, porém, Deus quis se servir dela? Foram meras causas psicológicas ou foi a Divina Providência que se serviu de uma coisa natural para que vissem a Virgem? Para decidir que não foi meramente natural, mas Divina Providência, necessitamos de um "selo divino", de um milagre.

Em Fátima, por exemplo, aconteceu o milagre. Foi anunciado para o último dia, o último 13 de maio, que haveria um grande milagre. Acorreram para Fátima milhares e milhares de pessoas de todos os lugares e religiões, de todas as

raças, curiosos e fervorosos de todo o mundo. E, de repente, Lúcia apontou para o céu e aqueles milhares de pessoas viram o mesmo fenômeno, o Sol girando.

Evidentemente, o Sol não girou. Se o Sol tivesse girado, isso teria sido visto em todas as partes e não somente em Fátima. Logicamente, o Sol não girou. Por conseguinte, foi uma alucinação.

Porém, uma alucinação coletiva de milhares de pessoas é demasiado em Psicologia. Quem sabe e conhece bem Psicologia compreende que não existe uma alucinação coletiva destas proporções. Três ou quatro pessoas, no mesmo ambiente, nas mesmas condições, podem alucinar-se coletivamente, porém isto não acontece com relação a milhares de pessoas. Esta é uma alucinação coletiva, Deus usa as alucinações, inclusive divergentes, daquelas pessoas, usa as forças da natureza como só o dono dela pode usar. Nós temos alucinações dentro de certos limites, mas esta é uma alucinação que rompe completamente os limites naturais. É o selo divino para confirmar que a alucinação era providencial.

Aconteceram outros milagres em Fátima. E em Lourdes sucederam-se outros, comprovados cientificamente.

4. REENCARNAÇÃO?

O inconsciente adorna suas manifestações, as dramatiza, atribuindo-as a alguém ou a alguma coisa. Uma das prosopopéias ou dramatizações mais freqüentes é como se houvesse reencarnação. E além de invocar a reencarnação como se fosse a explicação de certos fenômenos, os reencarnacionistas apresentaram outros falsos argumentos de ordem teórica.

Na realidade, se bem estudados, nenhum dos argumentos teóricos e fenomenológicos apresentados a favor da reencarnação têm valor científico.

A reencarnação não foi revelada do "além túmulo". Em primeiro lugar porque, como já vimos, não há comunicação dos mortos com os vivos, trata-se de manifestações do inconsciente, e como tais deixam-se até influir pelo ambiente. Assim, as "revelações" aos espíritas latinos, ou aos teósofos etc., falam em reencarnação; mas se "os espíritos dos mortos" (na realidade o inconsciente) se manifestam aos espíritas anglo-saxões, é freqüente que ataquem ou ridicularizem a reencarnação. Os espíritas não-reencarnacionistas são chamados davinianos, por ser o anti-reencarnacionista David, o principal teórico do espiritismo não-latino, seguido por milhões de espíritas. Daniel Douglas Home, o mais famoso médium espírita de todos os tempos, recebeu comunicações do "além túmulo" (?) ridicularizando, ao máximo, a teoria da reencarnação. E se "os espíritos dos mortos" aparecem a uma freira, então falam do purgatório, do céu, pedem missa, comunhão, terço...; e quando se manifestam aos ocultistas lhes falam do mundo astral; e aos antigos gregos e romanos lhes falaram do mundo das sombras, da barca de Aqueronte, e do Cancerbeiro etc. Não é do além que veio a doutrina da reencarnação; muito menos foi revelada por Cristo ou na Bíblia, como se apregoa nos livros dos reencarnacionistas. Citam, por exemplo, o evangelho de São João, capítulo 3º, versículo 3º, quando Cristo disse a Nicodemos: "Em verdade, em verdade te digo, ninguém, se não nascer de novo, pode ver o reino de Deus". Mas, na mesma ocasião, quando surpreendido, Nicodemos perguntou como alguém poderia voltar ao seio de sua mãe. Cristo bem claramente explicou que as suas palavras não deveriam ser entendidas em nenhum sentido reencarnacionista, mas na ordem sobrenatural, ao renascer à vida da graça, pelo batismo: "Se alguém não nascer da água e do Espírito". Cristo falava do sacramento do batismo, que São Paulo haverá de chamar mais adiante o sacramento da regeneração; nada de reencarnação.

Citam ainda São João Batista como sendo a reencarnação de Elias... Na realidade, Elias, no conceito dos judeus, ainda não morrera: dificilmente poderia reencarnar se ainda não desencarnara.

As frases bíblicas em que se anuncia São João como precursor de Cristo "no espírito" e no poder de Elias (Lc 1,17) não têm nenhum sentido reencarnacionista, quer dizer que São João precederia o Messias com a coragem e as virtudes do antigo profeta. Aliás, o próprio Batista quando perguntado se ele era Elias que teria voltado, expressamente respondeu: "Não sou Elias" (Jo 1,21).

Toda a doutrina de Cristo sobre a transcendência eterna desta vida, sobre os sacramentos, a graça, a redenção etc., contradiz a teoria reencarnacionista. Ao ladrão crucificado com Cristo (quantas reencarnações esperariam um ladrão, segundo a teoria reencarnacionista!), Ele disse: "Em verdade te digo, hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23,43). A doutrina de Cristo a resume claramente seu apóstolo, quando escreve: "Está estabelecido que os homens morram uma só vez, depois disto se fará o julgamento" (Hb 9,27).

O "argumento" das desigualdades humanas, a própria médium espírita Anatole Barthe o refuta: "Quê? É para resolver o problema das desigualdades que os espíritos (para os latinos) ensinam a reencarnação? Não sabem que não há dois seres, duas coisas completamente iguais na natureza, e que não se podem encontrar nem no espaço imenso e nem ao longe do tempo?... Não é precisamente da diversidade que nasce a harmonia do universo?

Pessoas nascem deformadas, ou doentes, ou deficitárias física ou intelectualmente... Acaso não há falhas da natureza também nos animais, nas plantas? Aquela árvore retorcida, inclinada, com ramos secos; a ovelhinha que nasceu com duas cabeças morrendo pouco depois etc., tudo isso é também pela reencarnação?

E, em geral, o problema da dor. Seria castigo de imoralidade em vidas anteriores? Que absurdo! Os heróis, os mártires, as vítimas inocentes da crueldade humana, os apóstolos, a Santíssima Virgem ao pé da cruz, o próprio Cristo, seriam até dignos de desprezo, seriam os seres mais desprezíveis pois foram os que mais sofreram, o que estaria a indicar as piores e mais imorais existências anteriores..."

Que absurda inversão de valores! É com essa absurda teoria que querem substituir a sublime doutrina cristã sobre a dor!

Citar casos de pessoas que se "lembram" de vidas anteriores... É até humilhante que a ciência tenha que perder tempo com esses "argumentos". Quando não se tratar de meras fantasias, ainda haveria que demonstrar que não se trata, em última análise, nem sequer de retrocognições (conhecimento psigâmico do passado).

Apresentar "lembranças" de vidas anteriores como prova de reencarnação supõe muito pouca lógica. Nem sequer poderiam demonstrar que estão se referindo a acontecimentos do passado (quanto menos terem sido vividos por essa mesma pessoa). Porque de duas uma: ou daqueles acontecimentos passados ficam alguns vestígios, ou não ficam. Se ficam alguns vestígios (efeitos, restos arqueológicos, livros que falam daquilo, testemunhas...), antes de pensar em lembranças reencarnacionistas, conhecimentos trazidos de vidas anteriores (hipótese tão contra a experiência geral), haveria que excluir as explicações normais e parapsicológicas de experiência comum relativamente lógicas, cuja existência está provada com milhões de casos, como, em última instância, seria o conhecimento parapsicológico daqueles vestígios, ou diretamente do passado.

E se não ficam vestígios, qualquer caso que se cite de "lembranças" de vidas anteriores não vale absolutamente

nada em ciência: pelo mesmo fato de não haver vestígios daqueles acontecimentos, as afirmações são absolutamente incomprováveis, poderiam ser meras invenções do inconsciente.

Enfim, acumular casos de prosopopéia, ou dramatização tipo reencarnacionista, de que vale, a não ser para provar a absoluta falta de metodologia científica dos autores de tais antologias? Que volumosas coleções de casos poderiam se fazer com prosopopéias tipo inspiração de musas, tipo possessões demoníacas etc.! Aquelas coleções não provam a reencarnação, como não provam nenhuma outra realidade: são somente dramatizações do inconsciente, muito variadas segundo as diversas épocas e civilizações. O cientista deve explicar essas prosopopéias, não simplesmente aceitá-las como correspondendo a uma realidade objetiva pelo simples fato de serem muito numerosas...

Assim poderíamos seguir. A parapsicologia teórica comprovou que são anticientíficos e absurdos todos os "argumentos" apresentados em defesa da reencarnação, além dos muitos argumentos que poderiam ser citados contra a reencarnação. A teoria da reencarnação é pura superstição.

5. POSSESSÃO DEMONÍACA?

Defendendo a realidade da possessão demoníaca, argumentam muitos com os fenômenos, com a interpretação de fatos; outras vezes, se invoca a Sagrada Escritura, a tradição e o Magistério da Igreja em seu Ritual Romano na parte que se refere aos exorcismos.

A ciência, direta ou indiretamente parapsicológica, pode e deve apresentar muitos pontos de análise desses "argumentos" fenomenológicos e doutrinários.

A presença do demônio no corpo do possesso se provaria pelo império que ele exerce sobre esse corpo. O famoso padre Surin, exorcizando as endemoninhadas monjas Ursulinas de Loudun, ficou por sua vez "possesso". Assim argumentou ele: "Meu estado é tal que me restam muito poucas ações para as quais eu seja livre. Se quero falar, a minha língua é rebelde; durante a missa, vejo-me constrangido a parar de repente; à mesa, não posso levar os alimentos à boca. Se me confesso, escapam-se os pecados, e sinto que o demônio está em mim como em sua casa, entrando e saindo como lhe apraz".

Não há aqui uma *petitio principii*? Não se supõe o que se trata de provar? Com tal argumento, se provaria a possessão pelo demônio, ou pelos espíritos dos mortos, ou por qualquer entidade que queiramos inventar; ou pelo poder hipnótico de outra pessoa ou pelo próprio inconsciente. E estas últimas interpretações, que se podem reduzir a uma só, são mais naturais, mais simples e mais lógicas.

No Ritual Romano se lê: os sinais de possessão demoníaca são: "a) falar uma língua desconhecida..." (mas existe o fenômeno parapsicológico bem provado, da xenoglossia); "b) revelar coisas distantes e ocultas" (mas existe a hiperestesia indireta do pensamento, a faculdade psi-gamma...); "c) mostrar força superior à idade ou costumes" (mas existe o hiperdinamismo ou sansonismo. Simplesmente um louco num ataque de fúria dificilmente se pode segurar. Em circunstâncias parapsicológicas, o organismo pode desenvolver uma força comumente insuspeitada); "e outros sinais semelhantes, que quanto maior em número, tanto mais são os indícios de possessão" (mas são tantos e tão incríveis os fenômenos parapsicológicos, hoje tão conhecidos e demonstrados...).

Os argumentos do Ritual Romano, hoje, ante a Parapsicologia, nada provam. O que se pode explicar naturalmente, segundo o próprio magistério eclesiástico, não se deve explicar sobrenaturalmente.

Por outro lado, o Ritual Romano nesse ponto não obriga os católicos a concordar com a doutrina que estaria implícita na possessão demoníaca, porque na bula de promulgação expressamente se diz que "se exorta" a aceitá-lo, mas não se impõe à Igreja Universal.

Na Bíblia: ao observador científico, já de início, chama a atenção que em todo o Antigo Testamento não há nenhum caso de possessão demoníaca (ao menos claro). Em contraposição, há muitíssimos casos no Novo Testamento, quando historicamente sabemos que foi nessa época, quando a cabala levou aos hebreus a terminologia do mundo greco-romano. Os gregos e romanos atribuíram ao "demonium" de sua mitologia certos fenômenos parapsicológicos ou meramente misteriosos no âmbito atual da Psiquiatria ou Psicologia. Os judeus confundiram o "demônio" com o demônio bíblico, com os anjos rebeldes. Cristo, os apóstolos, o Novo Testamento, logicamente usaram a terminologia de sua época, não entraram em explicações científicas que os ouvintes não haviam de compreender (a Bíblia não corrigiu nenhum erro científico de sua época: não era essa sua missão).

O caso de possessão mais notável é o endemoninhado de Gerasa (Mc 5,1-17). Torna-se difícil dar ao caso uma explicação demoniológica, ao passo que, numa explicação parapsicológica, o fato se torna bem claro.

"O endemoninhado, vendo Jesus de longe, correu e prostrou-se diante dele, gritando em alta voz: 'Que queres de mim, Jesus Filho de Deus Altíssimo?'"

Tornou-se o demônio propagandista da causa de Cristo? Mas desaparece o problema considerando que manifestava o que parapsicologicamente conheceu ou captou no próprio pensamento de Cristo.

"Perguntou-lhe Jesus: 'Qual é teu nome'; ele respondeu: 'Legião é o meu nome, porque somos muitos'".

Ora, discutiríamos a possessão por um demônio, mas por uma legião... Cientificamente, "legião" é a lógica megalomania compensadora de um psicopata que tem sido expulso da cidade porque o consideravam endemoninhado.

"Manda-nos para os porcos para entrarmos neles", suplicariam os demônios por boca do "endemoninhado".

Os demônios, puramente espíritos, sem corpo ou matéria de nenhuma classe, necessitam de albergue? Passam frio no inverno? Molham-se quando chove?

Tal atitude é muito conhecida em patologia psiquiátrica. Diz, por exemplo, o dicionário de Psiquiatria (Antoine Porot): "Nessa realização expressional, o simulador de boa-fé, que é o histérico, constrói seu sintoma e imita a enfermidade como o concebe... a opinião pública". A opinião geral era de que o demônio precisava de albergue.

Termina o Evangelho de São Marcos (5,13): "... e a manada, de uns dois mil porcos, precipitou-se no mar, e afogaram-se".

Se os demônios queriam um albergue, porque lançaram os porcos ao mar, perdendo sua morada recentemente adquirida? Mas o energúmeno por telecinesia ou também por influxo psíquico poderia atuar sobre um ou dois porcos. Logicamente estes se assustam e o pânico surge como no estouro da boiada, do cardume, dos pássaros etc.

Todos os casos da História, bíblicos ou pós-bíblicos, até os mais célebres, como as endemoninhadas de Loudun, a "endemoninhada" Cafre, os irmãos Pausini, o cemitério de São Medardo, os "endemoninhados" de Ilfurt, a jovem Cassina Amata etc., são realmente simples de explicar científica e parapsicologicamente e resultam ilógicos e absurdos na interpretação demoniológica.

O ataque convulsivo que fez considerar "endemoninhados" a tantos enfermos é perfeitamente conhecido pela Psiquiatria moderna e pela Parapsicologia como um fenômeno patológico relativamente freqüente, que costuma acompanhar certas manifestações de fenômenos parapsicológicos.

Antoine Porot, doutor em Psiquiatria, descreve assim: "As crises ou ataques mostram a brusquidez e as descargas rítmicas da epilepsia, consistem numa agitação desordenada, tumultosa, de contorsões, repulsões, e atitudes extravagantes. A crise se entremeia, muitas vezes, com agitação verbal, gritos, risos, choros, lamentações ou ataques".

"Os espasmos e as contrações localizadas, muitas vezes, podem ocasionar falsos pés contrafeitos, defesas falsas da parede abdominal (pseudo-apendicite), encurvamentos vertebrais (camptocormia) e, inclusive, em algumas ocasiões, pseudo-embaraços." (Compare-se com o "endemoninhado" em Lc 13,10-16.)

"A função de linguagem pode parecer suspensa (afonia ou mutismo histérico)." (Compara-se com o endemoninhado de Mt 12,22ss.)

"As anestesias histéricas são clássicas. As funções sensoriais podem parecer inibidas (pseudocegueira, pseudo-surdez), se percebem pela persistência de curtos reflexos, como o cócleo-palpebral."

O Doutor Henri Pieron, psicólogo, para citar outro exemplo, adverte sobre um detalhe muito sintomático: "Temos que acrescentar o fato importante de que quase nunca se desenvolvem no silêncio e no secreto, mas, ao contrário, tratam de impor-se... à atenção dos circunstantes, de captar o interesse; e a solicitude que despertam e lhes serve de reforço. Além disso, toda manifestação dessa natureza oculta um valor simbólico, uma significação expressa, cujos motivos e mecanismo diversos nos revelará a patogenia".

Enfim, o tema é amplíssimo... temos indicado somente poucos e breves inícios de explicação. A "possessão demoníaca" é apenas mais uma prosopopéia entre tantas e tão diversas, segundo as diversas épocas e povos.

6. CIÊNCIA E RELIGIÃO

A Parapsicologia estudou os milagres, os espíritos, uma série de fenômenos que não entravam na metodologia clássica, na tradicional anticiência exclusivamente materialista. E o estudo do espiritismo, da demonologia, dos milagres, o estudo de muitas coisas de Parapsicologia está relacionado com a Igreja.

É necessário precisar um erro muito difundido em todas as partes, até entre pessoas muito cultas que não se especializaram neste campo concreto. Há muita gente que crê que religião não é ciência. Separam radicalmente fé e ciência. Devemos ter uma fé racional. Nossa cultura em outros campos não nos pode irracionalizar, precisamente na coisa mais importante, na transcendência, naquilo que nos une a Deus. Se quisermos ser científicos em nosso proceder, em nossa profissão, devemos ser científicos também em nossa religião. Ser católico por herança é um mal generalizado hoje em dia. Há muitos católicos irracionais, absolutamente; cultos nas coisas deste mundo, anticientíficos nas coisas transcendentais.

É necessário provar cientificamente que a Revelação aconteceu, confirmada por milagres, que revelou isto e não aquilo. Isso pertence à ciência. A interpretação da Revelação é trabalho arqueológico, trabalho histórico, trabalho de hermenêutica, trabalho de comparação de textos, é trabalho científico.

É à ciência que pertence, através de um estudo profundo, separar do catolicismo a superstição, o espiritismo, o

teosofismo, o ocultismo e outras tantas interpretações cientificamente equivocadas de fatos, muitas vezes reais. Verdades como a espiritualidade da alma, não somente cremos pela Revelação, mas também as podemos confirmar por outros argumentos científicos. Hoje, até a Parapsicologia da escola russa aceita a espiritualidade da alma. A Parapsicologia russa compreendeu que o homem tem faculdades espirituais a serem estudadas, por exemplo, a telepatia. A sobrevivência da alma vem pela fé na Revelação, mas nós podemos descobri-la também por meio da ciência. Quanto mais argumentos científicos possuirmos, mais racional se tornará nossa fé.

Por isso, convém à religião o estudo da Parapsicologia. A Parapsicologia resolve dúvidas, elimina cientificamente as superstições, confirma as verdades.

7. PERIGO

Os pesquisadores que têm expressamente estudado o problema são unânimes em afirmar que não se devem fomentar as manifestações parapsíquicas, contrariamente à versão apriorística e um tanto utilitarista dos espíritas, rosacruzes etc., que divulgam a necessidade de desenvolver as qualidades mediúnicas.

As pessoas que fomentam, direta ou indiretamente, estes fenômenos, além de criar em torno de si um ambiente insuportável por causa desta fenomenologia, são abaladas facilmente por transtornos psicofísicos diversos: debilidade nervosa e até crises nervosas violentas, perda da autodeterminação consciente, dupla personalidade etc.

É lógico que o desenvolvimento normal da atividade humana se efetue no terreno consciente. O inconsciente é algo desordenado, incontrolável, irresponsável. A atividade huma-

na deve ser o mais consciente, o mais controlada possível. Não podemos avaliar as implicações profundas das manifestações do inconsciente precisamente em sua profundidade parapsicológica.

Os fenômenos parapsicológicos surgem do terreno completamente inconsciente. Tentar fomentá-los é expor-se a fazer-se inconsciente, expor-se a que o inconsciente tome conta, cada vez mais, da personalidade.

Junto com os fenômenos parapsicológicos pode surgir uma variada gama de traumas latentes. Estes traumas podiam encontrar-se ocultos, sem atuação, mas com o cultivo da fenomenologia parapsicológica podem sair à superfície ou, se já eram manifestos, podem reforçar-se e agravar-se.

Para uma pessoa propensa (desajustados, fronteiriços, desequilibrados, neuróticos etc. ou simplesmente hiperemotivos e hipersensíveis), uma só experiência pode ter conseqüências funestas.

O perigo de contágio psíquico é enorme.

O Doutor A. C. Pacheco Silva, que foi diretor do Hospício Juqueri em São Paulo, declara: "Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do espiritismo se exerça com tanta intensidade sobre a saúde mental do povo... No exercício de mais de vinte anos de clínica psiquiátrica em nosso meio, temos observado um sem-número de débeis mentais, sugestionáveis e crédulos, incapazes de um juízo crítico severo, apresentarem surtos delirantes após presenciarem sessões espíritas ou delas participarem".

Levando em conta que esta pessoa influenciada volta a seu ambiente, existe um perigo a mais. Além de criar em torno de si um ambiente insuportável, ocasionado por seu desequilíbrio psíquico e seus fenômenos parapsicológicos, poderá contagiar outras pessoas, propensas a tais manifestações. Há

perigo de uma reação em cadeia, como aconteceu muitas vezes ao longo da história (cultos dionisíacos, agnósticos, ocultistas, bruxaria...). Os fenômenos parapsicológicos podem causar uma verdadeira epidemia psíquica, se fomentados em vez de sanados.

Nas casas denominadas popularmente "mal-assombradas", é freqüente constatar este tipo de contágio. As pessoas propensas residentes e visitantes, os simples curiosos unem-se ao causante principal em sua manifestação dos fenômenos e, por sua vez, freqüentemente os levam a suas casas.

Já no 2º Congresso Internacional de Ciências Psíquicas (Parapsicologia), celebrado em Varsóvia em 1923, expressou-se o desejo de que em todos os países se proibisse o cultivo destes fenômenos. Corroborando a decisão do Congresso, há inúmeras declarações de médicos e parapsicólogos, especialistas no tema da influência da fenomenologia parapsicológica no psiquismo e no organismo dos dotados e testemunhas impressionáveis.

8. UTILIDADE PRÁTICA?

Uma pergunta cuja resposta deve esclarecer o uso adequado das faculdades parapsicológicas: se temos estas faculdades que não devemos fomentar, porque "fomentar os fenômenos parapsicológicos é um atentado à saúde e inclusive à sobrevivência humana" (como disse Tyrrell, presidente da Sociedade de Investigações Parapsicológicas de Londres), então, para que as temos? Equivocou-se Deus ao dar-nos um consciente pequeno e um enorme inconsciente? Não deveria ter sido o contrário? A escola teórica nos dá a resposta. Usando uma terminologia bíblica (somente como terminologia) damos uma breve solução de tão importante problema.

A alma foi criada no "paraíso terrestre".

No paraíso terrestre (tanto se existiu, como se devesse ser alcançado), teríamos uns dons preternaturais, gratuitos, entre eles o da impassibilidade.

A alma para atuar necessita do corpo. No paraíso terrestre, o corpo poderia acompanhar as manifestações da alma sem prejuízo, nem perigo, porque seria impassível. Poderia acompanhar todas as faculdades da alma: "conheceríamos sem estudo", dominaríamos os animais, isto é, teríamos faculdades prodigiosas.

As faculdades que a alma tem por criação, as poderia manifestar, porque o corpo poderia acompanhar. Seríamos super-homens com as faculdades da alma e da impassibilidade do corpo.

Mas não chegamos até o paraíso terrestre (o "pecado original" seria a falta da graça que deveríamos ter alcançado e que por culpa da humanidade não se alcançou e, conseqüentemente, também não a impassibilidade); ou se se preferir, saímos do paraíso terrestre.

Perdeu-se ou não se alcançou a impassibilidade preternatural. Mas a alma não podia perder suas faculdades. A uma coisa que tem partes podemos tirar um pedaço e ficar com o resto. Mas como se tira à alma parte de seus poderes? Não é possível. Se Deus quisesse tirar à alma parte de seus poderes, ou faculdades, aniquilaria a alma. Assim como Deus não pode fazer uma circunferência quadrada, também não pode tirar partes onde elas não existem. Deus pode aniquilar e criar a alma milhões de vezes por segundo, mas não pode tirar uma parte da alma: a alma não tem partes, é espírito, é simples. Deus pode fazer tudo o que é possível, tudo aquilo cujas notas essenciais se podem harmonizar, cujas essências são compatíveis, mas não pode fazer uma coisa essencialmente impossível, não pode criar uma contradição. O princípio filosófico da contradição vale também para Deus!

Portanto, as faculdades que a alma tinha (e que podia manifestar) temo-las, todo mundo as tem, embora nem todos tenham a manifestação.

Alguma vez acontece, porém, uma manifestação, um fenômeno parapsicológico. Quando o corpo entra em transe, há um desequilíbrio, a alma como que se manifesta um pouco por uma pequena brecha (psicorragia, por analogia com a hemorragia).

Mas é perigosíssimo. A uma lâmpada de 100 volts (nosso corpo atualmente passível) sobre o qual se carrega uma força de 800 mil volts (manifestações das faculdades parapsicológicas). Terminaríamos por queimar o organismo: o corpo passível não pode acompanhar todo o poder que a Parapsicologia tem descoberto na alma.

Mais: "A ressurreição da carne", isto é, a recuperação de certa quantidade de matéria do corpo, é uma exigência da sobrevivência do espírito. Porque, sendo o espírito eterno e precisando o espírito humano de seu corpo para atuar, não pode ficar eternamente frustrado, inútil, sem agir; do ponto de vista da alma a ressurreição é uma exigência, é devida à essência da alma (embora, do ponto de vista do corpo, a "ressurreição do corpo" seja evidentemente um dom preternatural, indevido, gratuitamente concedido por Deus). Pois bem, depois da ressurreição da carne, para que a alma conheça Deus (o natural não pode conhecer o sobrenatural) terá que ter uma entidade sobrenatural, que os teólogos chamam *lumen gloriae*. Mas para que a alma conheça a criação, para manifestar seus poderes que hoje chamamos parapsicológicos, para sermos super-homens, bastará que se devolva ao corpo ressuscitado as suas qualidades preternaturais, e então, sendo o corpo impassível, poderá acompanhar os poderes da alma, e a alma poderá eternamente manifestar-se sem perigo para o organismo.

9. OUTRAS ESCOLAS

Há outras escolas segundo os aspectos particulares que se estudam. Assim, por exemplo, na Universidade Real de Utrecht, na Holanda, desde 1933 se trabalha principalmente na investigação da personalidade das pessoas que realizam os fenômenos parapsicológicos. Dirige as investigações o Dr. Tenhaeff, que desde 1953 é catedrático de Parapsicologia daquela universidade. O mais famoso sujeito de experimentação em Utrecht é Gerard Croiset, notável clarividente.

E outras escolas especializadas, como as dirigidas pela Universidade Católica de São José em Pittsburgh, Filadélfia (EUA), sob a direção do Dr. Carrol B. Nask, a Universidade City College de Nova York, a Universidade do King's College de Halifax etc.

O Instituto de Investigação do "Centro Latino-Americano de Parapsicologia" de São Paulo (Brasil), dentro da escola eclético-teórica, tem um interesse especial (mas de nenhum modo exclusivo) em estudar as diferenças entre os fenômenos extra e paranormais com relação aos supranormais.

CONCLUSÃO

Pensamos ter dado uma idéia geral, muito breve, necessariamente, e incompleta, do QUE É A PARAPSICOLOGIA: maravilhosos poderes do homem muitas vezes supersticiosamente interpretados, muitas vezes negados aprioristicamente.

Estudamos os fenômenos fundamentais e os que, desde a época da metapsíquica, foram mais estudados que as levitações, bilocações e tantos outros.

Às vezes é necessário um maior aprofundamento, inclusive confirmação. Com um trabalho de revisão, classificação e análise do que se fez até agora, a Parapsicologia moderna, além de classificar os conceitos acerca dos fenômenos, proporciona o "estado da questão" para futuras investigações e experiências confirmativas.

A investigação parapsicológica confirmou o velho aforismo de Boileau: "Le vrai peut, quelques fois, n'être pas vraisemblable" ("o verdadeiro pode, algumas vezes, não ser verossímil"), devolvendo ao homem, ao demonstrar suas qualidades internas, o título de *rei da criação, feito à imagem e semelhança de Deus...*